



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE PEDAGOGIA

INGRYD NATÁLIA CABRAL
SILVIO JOEL DE SOUSA

O TRABALHO DE EDUCAÇÃO SEXUAL COM JOVENS E ADOLESCENTES:
OLHARES SOBRE A ATUAÇÃO DA ONG CORDEL VIDA

JOÃO PESSOA-PB
2017

INGRYD NATÁLIA CABRAL
SILVIO JOEL DE SOUSA

**O TRABALHO DE EDUCAÇÃO SEXUAL COM JOVENS E ADOLESCENTES:
OLHARES SOBRE A ATUAÇÃO DA ONG CORDEL VIDA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda

JOÃO PESSOA-PB
2017

C117t Cabral, Ingryd Natália.

O trabalho de educação sexual com jovens e adolescentes:
olhares sobre a atuação da ONG Cordel Vida / Ingryd Natália Cabral,
Silvio Joel de Sousa. – João Pessoa: UFPB, 2017.

81f. : il.

Orientador: Joseval dos Reis Miranda

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Jovens. I. Sousa, Silvio
Joel de. II. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 612.6.057(043.2)

TERMO DE APROVAÇÃO

INGRYD NATÁLIA CABRAL
SILVIO JOEL DE SOUSA

O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO SEXUAL COM OS JOVENS E ADOLESCENTES: OLHARES SOBRE A ATUAÇÃO DA ONG CORDEL VIDA.

Monografia aprovada, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciado/a em
Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda
Orientador – UFPB/CE/DME

Profa. Dra. Jeane Félix da Silva
Avaliadora – UFPB/CE/DHP

Profa. Ms. Ana Paula dos Santos Silva
Avaliadora – UFPB/CCAIE/DED

JOÃO PESSOA - PB
2017

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, pôr ser essencial em nossas vidas, autor do nosso destino, e nosso guia, socorro presente nas horas de angústia, as nossas mães. A Ong e toda a equipe do CORDEL Vida, por nos proporcionar este trabalho. Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante e principalmente aos nossos mestres.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por toda fé que tenho nele. Foi com muita garra, esforço, determinação, paciência e persistência que cheguei até aqui, ainda que não tenha chegado ao fim da estrada, sei que ainda há uma longa caminhada pela frente. Sei que eu jamais teria chegado até aqui sozinha. Para sempre serei grata a todos aqueles que colaboraram de forma direta e indiretamente para que esse sonho pudesse se concretizar.

A minha mãe que, com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que chegasse a essa grande etapa da minha vida.

Aos professores por toda paciência, orientação e incentivo que tornaram possível a minha vida acadêmica e desenvolvimento da minha monografia.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e apoio constante.

Ingryd Natália Cabral

É muito difícil agradecer a todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos e ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso primeiramente agradeço a todos de coração.

Agradeço aos meus pais, a mim e toda minha família.

Agradeço aos meus colegas de classe e com certeza futuros excelentes profissionais. Não poderia deixar de agradecer pelo companheirismo, dignidade, carinho, autenticidade e amizade, e que sempre esteve ao meu lado nos momentos de tristeza ou nos de alegria, e na cumplicidade do dia-a-dia. Valdomiro Gomes você será para sempre o meu exemplo de pessoa.

Agradeço também a turma do fundão, da qual tive orgulho de fazer parte, juntamente com “(Natália, Edilma, Zirleide, Lidiane, Danielly, Edvandra, Erica e Adriana)”, e também não poderia deixar de citar minha grande amiga “Ester”. Agradeço a todos pela amizade, paciência, ternura e convivência durante estes anos, que serão infindáveis.

Agradeço aos amigos que fiz em outros semestres.

Agradeço aos coordenadores do Curso de Pedagogia, por ter acreditado num sonho que agora é de todos, por ter me mostrado o caminho das grandes obras científicas e ao que com dedicação, presteza e competência conduz sua profissão.

Agradeço aos professores que desempenharam com dedicação as aulas ministradas.

Agradeço à meu orientadora, que com paciência e pouco fôlego, conseguiu corrigir os meus textinhos, e por ser um excelente professor e profissional, a qual me espelho.

Agradeço à todos os funcionários da Universidade,

Agradeço aos supervisores de estágios, pois souberam me conduzir nos estágios amplamente.

E finalmente agradeço a Deus, por proporcionar estes agradecimentos à todos que tornaram minha vida mais afetuosa, além de ter me dado uma família maravilhosa e amigos sinceros. Deus, que a mim atribuiu alma e missões pelas quais já sabia que eu iria batalhar e

vencer, agradecer é pouco. Por isso lutar, conquistar, vencer e até mesmo cair e perder, e o principal, viver é o meu modo de agradecer sempre.

Silvio Joel de Sousa

*“O mundo é para quem nasce para o conquistar e não para quem sonha que pode
conquista-lo, ainda que tenha razão.”*

(PESSOA, 2007 p.363)

RESUMO

Sexualidade é um tema que com o passar dos anos vem sendo discutido com muita frequência, apesar dos tabus que envolve o assunto. Este trabalho tem como objetivo trazer as o trabalho com Educação Sexual, com jovens e Adolescentes, sob os olhares sobre a atuação da ONG CORDEL Vida, além de compreender como a experiência do Centro de Orientação e desenvolvimento de Luta pela Vida “CORDEL Vida” tem contribuído para subsidiar as discussões e propostas de trabalho com a Educação Sexual para jovens e adolescentes do Município. Esta pesquisa está estruturada em quatro capítulos, quais sejam: referencial teórico, procedimentos metodológicos, análise de dados e considerações finais. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: entrevista semiestruturada, questionário e observação dos/as participantes. Para uma maior compreensão dessa educação e conhecimento sobre Educação Sexual, fomos buscar fundamentos nas concepções de Furlani (2008), Nunes (2005), Ribeiro (2004) que foram de suma importância nesse trabalho. Acreditamos que o trabalho tenha contribuído para a discussão sobre Educação Sexual na escola do município, de forma que os jovens e adolescentes venham a refletir e viver sua sexualidade com afetividade, amor e respeito.

Palavras-chave: Educação Sexual. Sexualidade. Jovens e Adolescentes.

ABSTRACT

Sexuality is a theme that over the years has been discussed very often, despite the taboos surrounding the subject. This work aims to bring the work with Sexual Education, with young people and adolescents, under the eyes of the work of ONG CORDEL Vida, in addition to understanding how the experience of the Center for Orientation and development of Fight for Life "CORDEL Vida" has Contributed to subsidize the discussions and proposals of work with the Sexual Education for young people and adolescents of the Municipality. This research is structured in four chapters, which are: theoretical reference, methodological procedures, data analysis and final considerations. The instruments of data collection used were: semi-structured interview, questionnaire and observation of the participants. For a better understanding of this education and knowledge about Sexual Education, we have been looking for fundamentals in the conceptions of Furlani (2008), Nunes (2005) and Ribeiro (2004) that were of great importance in this work. We believe that the work has contributed to the discussion about Sexual Education in the city school, so that young people and adolescents will reflect and live their sexuality with affection, love and respect.

Keywords: Sexual Education. Sexuality. Youth and Adolescents.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Projetos desenvolvidos pela ONG CORDEL Vida.	32
Quadro 2: Primeira oficina (Teia do Envolvimento).....	38
Quadro 3: Segunda Oficina (Conceitos de Sexo, Sexualidade e gênero).....	39
Quadro 4: Terceira Oficina (As IST/ HIV/ aids /HV.)	40
Quadro 5: Quarta Oficina (Métodos Contraceptivos)	41
Quadro 6: Quinta Oficina (Violência contra Mulher)	42
Quadro 7: Faixa etária de idade	45

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Material produzido pelos pacientes do hospital	47
Figura 2: Oficina de Terapia Ocupacional	48
Figura 3: Primeira Capacitação no no Projeto Jovens Multiplicador	48
Figura 4: Segunda Capacitação no Projeto Jovens Multiplicador	49
Figura 5: Alunos Participando do Elos; descrevendo sobre as IST	50
Figura 6: Participando do Projetos Elos; descrevendo sobre as IST.	50
Figura 7: Filial do CORDEL Vida na Cidade de Solânea.	51
Figura 8: O Projeto atitude Interior no Município de Bananeiras.	51
Figura 9: Projeto Direito a Vida; A caminhada	52
Figura 10: Escola e cidadania.....	53
Figura 11: Apresentação das IST.....	53
Figura 12: Projeto Viva Melhor Sabendo.....	54
Figura 13: Momento do teste rápido por fluido oral	54
Figura 14: Apresentação do CORDEL Vida	58
Figura 15: Apresentação das Oficinas	59
Figura 16: Apresentando algumas IST	60
Figura 17: Apresentação sobre HIV/aids.....	60
Figura 18: Preservativo Feminino	61
Figura 19: Como utilizar o preservativo no sexo oral	61
Figura 20: Violência contra mulher.....	62
Figura 21: Violência Doméstica	63

LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CORDEL VIDA – Centro de Orientação e desenvolvimento de Luta pela Vida

EJA – Educação de Jovens e Adultos

HIV- Vírus da Imunodeficiência Humana

HV – Hepatites Virais

IST – Infecções sexualmente transmissíveis

JP – João Pessoa

LAEST – Laboratório de Estágio Supervisionado

LDB – Lei de Diretrizes bases

ONG – Organização não Governamental

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PB – Paraíba

SEDEC - Secretária de Educação e Cultura

SES - Secretaria Estadual de Saúde

TB – Tuberculose

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNODOC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 - O que encontramos sobre o tema	16
2 COMPREENDENDO ALGUMAS DAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM AS SEXUALIDADES.....	21
3 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL	28
4 A ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL (ONG) CORDEL VIDA E SUAS ATIVIDADES	32
5.1 Tipo de trabalho de campo	36
5.3 Local da Pesquisa	43
5.4 Participantes da pesquisa	44
6 ANÁLISE DE DADOS	46
6.1 O trabalho da ONG CORDEL Vida e as dimensões da sexualidade	47
6.2 O trabalho da ONG CORDEL Vida na visão dos jovens e adolescentes da EJA.	55
6.2.1 A primeira rodada de questionários aplicados.....	55
6.2.2 As oficinas pedagógicas	57
6.2.3 A segunda rodada de questionários aplicados	63
6.3 Os desafios do trabalho sobre educação sexual com jovens e adolescentes na visão da Ong CORDEL Vida.....	65
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICES	73
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PRÉ-PESQUISA	74
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO FINAL	75
APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	77
APÊNDICE D – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	78
BREVE CURRÍCULO DOS AUTORES (AS)	79

1 INTRODUÇÃO

Sexualidade é um tema que, com o passar dos anos, vem sendo discutido com muita frequência, apesar dos tabus que envolvem o assunto. A escola deveria ser um dos ambientes mais acessíveis para os alunos, no que diz respeito à discussão do tema, pois apesar de algumas famílias tratarem do assunto, muitas vezes, se calam diante de algumas questões, deixando para a escola o papel informativo.

Falar sobre sexualidade com jovens e adolescentes, é saber que a maioria das dúvidas sobre esse tema surge nesse período, tornando a sexualidade um dos fatores estruturantes da sua identidade. Uma Educação para sexualidade pode subsidiar novas discussões, vindo a contribuir em novos comportamentos, desses jovens, que por falta de conhecimento acabam se envolvendo em diversas práticas de risco a sua saúde e vida.

Diante da necessidade de se tratar a temática no âmbito educacional, o Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta pela Vida - CORDEL Vida surgiu do sentimento de solidariedade de um grupo de amigos e amigas, pessoas que viviam e/ou conviviam com HIV/AIDS, preocupadas com a disseminação da epidemia de AIDS e com a baixa cobertura das ações de prevenção às IST/HIV e de apoio às pessoas com HIV/AIDS no interior do Estado da Paraíba.

Nesse sentido, seus fundadores, pensaram em criar uma organização que pudesse oferecer um suporte a esta demanda, contribuindo assim com o enfrentamento da epidemia da AIDS no interior da Paraíba, tornando esse conhecimento acessível aos educandos das escolas do interior do Estado, que sofrem com a falta de informação sobre o assunto. A partir daí a OSC começou a desenvolver projetos em escolas do Estado, um de seus projetos pioneiros, que contou com o apoio da Secretária de Educação e Cultura (SEDEC): o projeto *ELOS, educação para cidadania*, teve como objetivo fortalecer as práticas e os valores éticos que resgatam a integração do ser e suas relações interpessoais e sociais, abordando temáticas como uso droga, sexualidade, violência e cultura de paz, numa perspectiva da educação inclusiva e da redução de danos.

A Escolha da Cidade de Ouro Velho surgiu a partir da experiência de um dos educadores da ONG, nascido naquela cidade, e também autor desse trabalho, que em uma intervenção educativa realizada naquele município, percebeu a necessidade de desenvolver uma pesquisa com os jovens e adolescentes, que se demonstravam pouco informados em relação às questões da sexualidade.

Para uma maior compreensão desse conhecimento sobre Educação Sexual, fomos buscar fundamentos nas concepções de Furlani (2008), Nunes (1987), Furtado (2015) que foram de suma importância nesse trabalho. Em suma, acreditamos que esta pesquisa tenha contribuído para a discussão sobre Sexualidade na escola do município, de forma que os jovens e adolescentes venham a refletir e viver sua sexualidade com afetividade, amor e respeito.

1.1 - O que encontramos sobre o tema

De acordo com o levantamento feito no Laboratório de Estágio Supervisionado - LAEST, no Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, analisando os últimos estudos desenvolvidos sobre o tema Educação Sexual nos últimos 6 anos, foram encontrados 9 trabalhos de conclusão de curso. No ano de 2010 foram encontrados 4 trabalhos, são eles: *“Atuação e dificuldade dos professores quando a orientação sexual”*, tendo como autoras, Pontes, Souza e Santos (2010), que analisaram as dificuldades enfrentadas pelos professores frente a educação sexual no âmbito escolar, constando assim que a escola deve trabalhar diretamente com as crianças e os adolescentes questões relacionadas a educação sexual de forma crítica e flexiva.

O segundo trabalho de conclusão de curso, com o título *“Orientação sexual na Escola: silêncio e desejos”*, de Carvalho e Moraes (2010), teve como objetivo relatar como a orientação sexual vem sendo constituída no Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano. Concluíram que é de grande necessidade se discutir orientação sexual, onde seria preciso trabalhar melhor a temática com os alunos, contribuindo com o desenvolvimento de sua sexualidade, levando-os a construir seus próprios conceitos, valorizar o ser humano em todos os aspectos, inclusive o sexual eo social.

O terceiro trabalho encontrado tem como título *“Orientação sexual na Escola: uma proposta de Prática Pedagógica”*, de Santos e Silva (2010), que objetivou apresentar como a orientação sexual proposta pelos PCNs é compreendida e abordada no âmbito escolar, bem como a dificuldade dos educadores inserir o tema nas aulas, uma vez que esse tipo de ensino já está garantido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Concluíram que apesar dos problemas diagnosticados na Escola, ainda pode e “deve” mudar essa realidade, a partir de novas práticas que levarão ao redimensionamento da sexualidade, formando cidadãos plenos e consciente de suas atitudes.

O último trabalho de conclusão de curso encontrado no ano de 2010, “*Pedagogia da sexualidade: a televisão e a Erotização Precoce*”, de Maia e Maia (2010), tiveram como objetivo levantar informações e suscitar reflexões acerca de um fenômeno bastante inquietante: a erotização precoce e a sua relação com a televisão. Concluíram que existe uma carência, nas instituições de ensino, que desperte nas professoras o desejo de saber como abordar questões polêmicas e importantes com seus alunos, mostrando a falta de projetos e ações que facilitem o trabalho das mesmas. De acordo com as autoras a Orientação Sexual não tem suporte no planejamento, as professoras não possuem conhecimentos suficientes, as escolas não possuem os materiais pedagógicos necessários para essa discussão, além da falta de apoio dos pais e/ou responsáveis.

No ano de 2011, apenas um trabalho foi encontrado no tema Educação sexual, tem como título: “*Pedagogia da Sexualidade: o papel do professor*” de Bezerra (2011). Teve como objetivo conhecer a questão da Educação Sexual no âmbito escolar, destacando as dificuldades na prática pedagógica. Viram que o papel do professor na educação sexual, nos dias atuais, não pode ser ignorado pelas escolas. Embora haja dificuldades para a implantação, sua relevância e necessidade já foram reconhecidas. Destacaram a importância de uma Pedagogia da Sexualidade, justificando a necessidade dessa prática, que pode ajudar a desmistificar muitos estigmas e preconceitos em torno da sexualidade, que é tão natural quanto à vida.

No ano de 2012, apenas um estudo foi desenvolvido sobre Educação Sexual. O trabalho “*Pedagogia para orientação Sexual no curso de Pedagogia da UFPB, Campus I, João Pessoa-PB*” da Autora, Silva (2012). Tendo como finalidade analisar as práticas pedagógicas implementadas no curso de Licenciatura da UFPB, campus I para promover a orientação sexual dos alunos. Concluiu que frente às diversas dificuldades encontradas pelo professor ao se deparar com a realidade em sala de aula, o curso de Pedagogia da UFPB deve oferecer a disciplina Orientação Sexual para todos os seus alunos, seja de maneira obrigatória ou optativa - conforme as resoluções vigentes, de tal forma que esta lhes forneça uma melhor condição teórica e prática-metodológica para lidar com o alunado nas instituições escolares (ou fora delas); que ela seja um suporte seguro, respaldado em informações científicas e éticas, passando a se constituir, também, numa prática mais significativa dos futuros pedagogos.

No ano de 2015 foram encontrados dois trabalhos de conclusão de curso referentes ao tema. O primeiro “*A Educação sexual na prática docente a partir dos parâmetros curriculares nacionais*”, por Bizerra (2015), teve como objetivo trazer à tona a discussão da

sexualidade, particularmente da Educação Sexual na prática docente. Analisando a educação sexual, recortando as formas pelas quais ela se materializa na prática docente, enfatizando os Parâmetros Curriculares Nacionais. Os resultados mostraram que, apesar do grande espaço em que se situa a sexualidade, a educação sexual está situada nas práticas educativas escolares, especialmente na prática docente, mediatizada pelo currículo.

O segundo trabalho ainda no ano de 2015, intitulado “*Sexualidade e Educação Sexual*” de Cruz (2015), objetivou tratar da sexualidade ocidental, seus conceitos e história, como também situar o contexto da educação sexual e seus referenciais da educação brasileira, presente nos parâmetros curriculares nacionais - PCN. Analisando também de que forma os conteúdos transversais são inseridos no ensino, partindo dos temas sugeridos pelos Parâmetros curriculares nacionais.

No ano de 2016 encontramos apenas um trabalho, “*Sexualidade e Educação: mapeando os parâmetros curriculares nacionais do Ensino Fundamental I*”, de Andrade, Lima e Montenegro (2016), objetivando analisar as formas pelas quais a sexualidade é discutida na educação formal, partindo da apreensão dos conteúdos dos PCNs do Ensino Fundamental I. Concluíram assim que, embora tenha ocorrido mudanças, as temáticas que envolvem a sexualidade ainda enfrentam grandes dificuldades para serem trabalhadas na Educação, necessitando de novos estudos que as esclareçam.

A partir do levantamento feito no LAEST do campus I da UFPB, o tema discutido nessa pesquisa torna-se pertinente, pois observamos que na pesquisa acadêmica não contém nenhuma temática que aborde sobre a reflexão da educação sexual, sobre o olhar de uma Organização Não governamental - no Estado da Paraíba. Diante disso, acreditamos que haja uma necessidade de expor a atuação da instituição para com a população paraibana, onde muita dessas ações seria de punho obrigatório dos Governos.

Ainda sobre os estudos que vem sendo desenvolvido em relação ao tema Sexualidade, é possível perceber que a história da Educação Sexual tem sido marcada por avanços e retrocessos. No entanto, a sexualidade dos/as jovens e adolescentes vem sendo tema de preocupação por parte de profissionais de diversas áreas, como: educação, comunicação e saúde. Com o advento do HIV/AIDS e avanço das IST, essa preocupação torna-se ainda mais enfática, destacando a necessidade do desenvolvimento de estratégias de intervenção, que possibilite a redução dos riscos da infecção desta população pelo HIV, assim como outras infecções de transmissão sexual. Segundo Figueiró (2009):

A Educação sexual vem sendo reconhecida, pela maioria dos professores, como necessário e importante no processo formativo dos alunos. Muitos deles se

preocupam e sentem-se, em vários momentos, inseguros e até temerosos, diante dessa tarefa. Sabemos que todo o processo formativo dos professores, tanto no magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparados para abordar a questão da sexualidade no espaço da escola. Portanto é compreensível o sentimento de insegurança e a preocupação (FIGUEIRÓ, 2009, p.141).

Desse modo, o crescente número de jovens e adolescentes infectados pelo HIV constitui o que se chama de "juvenização" da pandemia. É observado que o maior número de pessoas com a doença encontra-se na faixa etária que vai dos 13 aos 29 anos de idade. Sendo importante salientar que em média, a pessoa infectada pelo HIV leva de 5 a 10 anos para começar a desenvolver sintomas da AIDS, significando que as pessoas que se encontram na faixa etária que vai dos 21 a 29 anos de idade provavelmente infectaram ainda, na adolescência. Segundo dados no ministério da saúde. É observado, ainda, que as infecções pelo HIV ocorrem principalmente através das relações sexuais desprotegidas.

A ONG CORDEL VIDA, localiza-se na Rua Duque de Caxias, 112, no centro da Capital de João Pessoa - PB, após 11 anos de sua existência, vem contribuindo com a Educação Sexual dos jovens e adolescentes, não sendo diferente na Escola Estadual Santa Emília¹ no município de Ouro Velho-PB, que vem fazendo um trabalho de extrema importância, junto aos jovens e adolescentes. Nesse cenário, muitos obtinham informações da internet, outros de seus próprios colegas, informações estas as quais os colocavam em extrema situação de vulnerabilidade.

Isso coloca, para a escola novas demandas, implicando no estímulo à autonomia do sujeito, desenvolvendo o sentimento de segurança em relação às suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado num trabalho de equipe e, portanto, sendo capaz de atuar em níveis de interlocução mais complexos e diferenciados. Nesta mesma perspectiva cabe à escola assumir-se como instância de discussão dos referenciais éticos, e espaço social de construção de toda e qualquer ação de cidadania. Diante dessas questões se faz necessário o desenvolvimento de estudos na área da Educação Sexual.

A partir do que foi exposto o problema da nossa pesquisa foi: *como a experiência do “CORDEL Vida” tem contribuído para subsidiar as discussões e propostas de trabalho com a Educação Sexual para jovens e adolescentes na Escola Estadual Santa Emília no Município de Ouro Velho-PB?*

Diante dessa problemática, o objetivo geral dessa pesquisa constitui-se em compreender como a experiência do “CORDEL Vida” tem contribuído para subsidiar as discussões e propostas de trabalho com a Educação Sexual para jovens e adolescentes na Escola Estadual Santa Emília, no Município de Ouro Velho-PB.

Pensando em detalhar ainda mais o nosso problema, para que pudéssemos compreendê-lo melhor, tivemos as seguintes questões de pesquisa:

- ✓ Quais as dimensões da sexualidade humana são desenvolvidas no trabalho de Educação Sexual pelo CORDEL Vida com os jovens e adolescentes da Escola Estadual Santa Emília¹ no Município de Ouro Velho-PB?
- ✓ Compreender como os jovens e adolescentes da Escola Estadual Santa Emília do Município de Ouro Velho-PB, percebem o trabalho desenvolvido sobre a Educação Sexual pelo CORDEL Vida?
- ✓ Quais os desafios que a ONG CORDEL Vida enfrenta no trabalho sobre a Educação Sexual com jovens e adolescentes?

A partir dessas questões específicas tivemos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Verificar quais as dimensões da sexualidade humana são desenvolvidas no trabalho de Educação Sexual pelo CORDEL Vida com os jovens e adolescentes da Escola Estadual Santa Emília¹, no Município de Ouro Velho - PB.
- ✓ Analisar como os jovens e adolescentes da Escola Estadual Santa Emília, no Município de Ouro Velho-PB percebem o trabalho desenvolvido sobre a Educação Sexual pelo CORDEL Vida.
- ✓ Identificar os desafios que a ONG CORDEL Vida enfrenta no trabalho sobre Educação Sexual com jovens e adolescentes.

Em seguida apresentamos nosso referencial teórico que compõe o trabalho. Prosseguindo a mesma esta estruturado em três capítulos, procedimentos metodológico e análise dos dados da pesquisa, com finalidade de desvendar os resultados. Em seguida apresentamos as nossas conclusões da pesquisa e assim mostrando a concretização desse trabalho.

¹ Nome Fictício da Escola.

2 COMPREENDENDO ALGUMAS DAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM AS SEXUALIDADES.

A Sexualidade humana tem uma grande dimensão no que diz respeito aos significados que historicamente foram sendo construídos. A sexualidade carrega em si, costumes, valores sociais que determinam comportamentos de uma ou várias pessoas. Sabemos, também, que cada vez mais a questão da sexualidade vem sendo discutida, tornando-se um tema de grande relevância social, pois a todo o momento presenciamos no cenário social várias questões ligadas à sexualidade, como relações de gênero, o respeito com o próximo, importância da prevenção das IST, gravidez indesejada, entre outras questões. Para falarmos em sexualidade, é necessário fazer um resgate histórico da sua evolução nas diferentes sociedades desde os tempos remotos até os dias atuais.

Para Nunes (1987) não se pode falar em sexualidade de maneira fragmentada. As diferentes épocas determinam estruturas, valores e modelos que são construídos historicamente. Afirma assim:

Esse relativismo não pode ser irresponsável. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem contudo fazê-lo irresponsável. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem contudo fazê-lo de modo destrutivo ou maturo. É uma tarefa gigantesca. (NUNES, 1987, p 15.).

A partir dessa perspectiva, traremos um olhar histórico sobre a sexualidade. No período paleolítico, as observações sobre o tempo começaram a ser feitas, foi um período de grandes descobertas, como o fogo, marcado pela valorização e culto do elemento feminino, fertilidade e elemento materno. Nesse sentido, Nunes (1987) menciona:

Eram as mulheres que tinham possibilidades de observação, experimentação e pesquisa de novas tecnologias e subsistência na produção de vida. Foi pelo vínculo materno que se constituiu o primeiro elo civilizador e mantenedor do clã primitivo. A propriedade coletiva baseada na caça, na pesca e na coleta produzia uma sociedade coletiva, organizada sob a divisão sexual do trabalho, sem uma estrutura de poder que não fosse o funcional e organizador da sobrevivência coletiva. (NUNES, 1987, p.58).

Ainda no período paleolítico, surgem as primeiras manifestações de arte da sociedade, que foram as pinturas rupestres, que além de expor pinturas de caça, tinha a fertilidade feminina. No período seguinte, que foi o Neolítico 9000 a.C, o modelo Matriarcal deixa de ganhar espaço com o modelo do Patriarcalismo, onde o homem passa a dominar as funções das mulheres. É nesse período que a mulher passa a submeter-se ao homem (NUNES, 1987).

Prosseguindo o olhar histórico, a Sexualidade da Grécia está relacionada à cultura dos deuses. A mulher ainda era tida como submissa e exclusiva para os homens nas festas e após os jogos. Ter relações sexuais com sua esposa era um dever social do homem, sendo o marido livre para outras relações. Era mais uma questão de *status* social e fins econômicos. As mulheres deveriam ficar em casa, cuidando do marido e filhos. Por razões seculares, o casamento na sociedade grega era monogâmico, onde as heranças de cada um deveria ter procedência. Aos homens era permitido que relacionamentos fora do casamento ao contrário das mulheres (NUNES, 1987).

Os gregos acreditavam que uma esposa ideal deveria fazer várias atividades como administrar a casa, costurar e etc. Para os homens existiam as concubinas para suprir as necessidades diárias. Na prática sexual dos gregos era comum relações como pessoas do mesmo sexo, relacionar com mulheres e homens não era visto como algo diferente. Como afirma Nunes (1987):

Mais do que a homossexualidade é mais próprio definir uma bissexualidade entre os gregos. Amar a mulher e rapazes era prática comum e livre, admitida pela opinião social e estimulada por instituições pedagógicas, militares e religiosas. Não havia opinião e exclusividade entre os sexos. O bom jovem era o que se dedicava ao prazer de uma forma pansexual, tanto com os *paidikas* (rapazes) como com as mulheres que logicamente não eram as destinadas ao casamento aristocrático (NUNES, 1987, p.74).

No início do período Cristão, a tradição judaica com o Cristianismo resolveu transformar as contradições que se faziam presente em Roma. Com seu discurso revolucionário de libertação, o Cristianismo tornou-se no século IV a religião oficial. A partir daí, a Bíblia passou a ser o livro da maioria das religiões. Nesse período, as mulheres não tinham privilégio algum, eram apedrejadas se fossem pegas em adultério e a menstruação era impura.

A homossexualidade era vista como um ato imundo pela igreja, que feria a moral cristã e um grande perigo para o Estado. Sendo assim, os homossexuais não poderiam se batizar entre vários outros atos. Compreender as rigorosidades da era cristã é complexo, mas é importante saber que tais rigores é reforçado pela filosofia cristã. Segundo Vidal (1979, p. 137), “a moral sexual cristã recebeu o estoicismo seu ascetismo e rigorosidade, e uma orientação unilateral do sentido da procriação”.

Santo Agostinho condena a sexualidade até mesmo no casamento, conceituando a perfeição como forma mais madura e prudente no matrimônio. A visão de Agostinho é extremista quando se fala em sexualidade. Ao longo das suas obras, redigiu condenações para quem insistisse no ato.

Apesar da forte influência da Igreja, a sexualidade na Idade Média é muito intensa. Tanto em questão de linguagens, como os próprios atos, era muito comum ver sexo com animais, na própria igreja, apesar de tudo ser proibido acontecia com frequência. Nunes (1987) menciona os castigos para quem praticava atos proibidos:

Clérigos e freiras pegos em pecado são queimados e enforcados. Mulheres e homens têm suas partes sexuais queimadas. Ao lado do enquadramento ideológico, criam-se mecanismos reais de repressão de toda sexualidade livre, principalmente usando o poder real e a confissão auricular. (NUNES, 1987, p.87).

A partir desse pensamento, a imagem equivocada da mulher foi se perpetuando, e tais eram vistas como feiticeiras no começo da era Moderna, por seu comportamento sexual não ser considerado correto. Várias mulheres foram condenadas pela “Santa inquisição”, pelo simples fato de buscar o seu prazer, que era tido como um ato indigno para qualquer mulher cristã, pois o prazer não era visto como algo Divino e sim do Satã.

Com a chegada da Renascença Cultural, o ser humano passa a ser importante objeto de estudo para os intelectuais da época. Estudos como os de Foucault, segundo Nunes (1987) movimentaram a sociedade moderna. A Medicina nesse período estabeleceu o que deveria ser praticado, levando em conspiração a saúde de todos. A partir daí o sexo passou a ser visto como algo responsável pela transmissão de várias doenças (NUNES, 1987).

No mundo capitalista do século XIX, a discussão da sexualidade começa a tomar rumos diferentes, os médicos passam a trazer novos conceitos sobre a sexualidade, que ajudam num avanço para as discussões sobre o tema. Darwin aparece durante os séculos XIX e XX, revolucionando o conceito das Ciências Naturais (NUNES, 1987).

No novo mundo capitalista, a sexualidade passou a ser também objeto de consumo, na maioria das propagandas a mulher era vista como um objeto a ser consumido. A liberdade sexual começou a ganhar espaço. Vários movimentos começaram a surgir, como os grupos feministas, homossexuais, e a própria maneira de se relacionar era mais livre. A pornografia ganhou espaço nas redes de lojas, e nos filmes americanos. Segundo Tannahill (1983):

O homem começou a perder a calma.[...] ele foi batendo em retirada. O sexo casual perdeu muito de sua atração e os pesquisadores do início dos anos 70 descobriram que esse homem estava tendo intercurso com menos frequência, que se voltava mais para a masturbação e desenvolvia gosto pela pornografia, algo que, em meados da década assumia proporções epidêmicas. Uma parte dessa pornografia não passava de superficialidade erótica; (TANNAHILL, 1983, p.459).

Com o surgimento desses novos movimentos, a contracultura surgiu um movimento que teve seu auge na década de 1960, quando teve lugar um estilo de *mobilização e contestação* social e utilizando novos meios de comunicação em massa, como um meio de viver outro

modo de vida. Os hippies, também faziam parte desse movimento, onde a homossexualidade, cabelos longos, aborto, e outros comportamentos faziam parte desse novo estilo.

Ainda nos anos 60, como afirma Conde (2004), o movimento gay passou a lutar pelos seus direitos. Que foi de extrema importância para garantir necessidades e melhorias por pessoas desconhecidas pela esfera pública, e até pela sociedade.

Ao trazer a discussão da sexualidade para o domínio público, assim como o fizeram o feminismo e os movimentos de liberação sexual da década de 1960, o movimento homossexual apresenta uma antinomia e exige que ela seja assumida pelo Estado laico de direito, distante dos dogmas religiosos e das noções preconcebidas – a sexualidade é política, e a individualidade constitui um direito humano fundamental. Em outras palavras, o movimento não admite que o desrespeito ao direito humano fundamental de exercer livremente a orientação sexual seja tratado pelo Estado como assunto limitado à esfera privada (CONDE, 2004, p. 15).

Durante esse período de descompressão sexual, As teorias de Freud começaram a ganhar espaço. O primeiro grande conceito desenvolvido por Freud (1856-1939) foi o de Inconsciente. Ele começa seu pensamento acreditando que não existe nenhuma descontinuidade na vida mental. Afirma que nada ocorre por acaso, nem mesmo os processos mentais. Para tudo existe uma causa, para cada pensamento, seja na memória, ação ou sentimento. Os eventos mentais ocorrem pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam determinismo psíquico. A partir do momento que eventos mentais pareceram ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever as relações escondidas que ligavam um evento consciente a outro. Quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precederam, as conexões estão no inconsciente (NUNES, 1987).

Freud em seus estudos na prática clínica sobre as causas e funcionamento das neuroses, descobriu que a maioria de pensamentos e desejos reprimidos tinha a ver com conflitos de caráter sexual, encontrados nos primeiros anos dos indivíduos, sendo assim, na vida infantil estavam às experiências de caráter traumático, que se caracterizavam como surgimento dos sintomas e, retificavam que os acontecimentos desta etapa de vida acabavam deixando ferimentos profundos na personalidade do indivíduo. Tais descobrimentos colocam a sexualidade no centro discussões psíquica e é desenvolvido o segundo conceito mais importante da teoria psicanalítica: a sexualidade infantil.

Para Freud, existia uma energia que motivava a viver, chamada de libido ou energia sexual. Sigmund Freud é um grande contribuidor para a ciência, através da psicanálise que é a área de conhecimento que estuda o inconsciente humano ele conseguiu levantar discussões e se dedicar ao estudo no século XIX.

Freud via o instinto sexual desde muito cedo, a partir da infância, detecta também a libido em recém-nascido. Segundo ele, em relação a sexualidade da criança, se manifesta por meio das estruturas corporais, quando estão relativamente prontas, (FREUD, 1905, p.44). A sexualidade evolui nas crianças através cinco de etapas de desenvolvimento. Isto permite que os pais reconheçam as manifestações psicosexuais infantis e lidem melhor com situações tabu como encontrar seu filho se masturbando. As fases de desenvolvimento da criança segundo Freud se dividem em fase oral, fase fálica, fase anal, período de latência e fase genital.

A fase oral tem início no momento em que o bebê nasce até completar um ano, aproximadamente. A criança é estimulada pela boca (o seu meio de contato com o mundo que a rodeia) e experimenta dor, frustração e satisfação através de pulsões orais. O seu principal objeto de desejo é o seio materno, que proporciona alimento e satisfação ao neném. Morder, mastigar, sugar e comer é sinônimo de prazer independente da fome. A fase oral é, também, marcada pela ligação entre a mãe e o bebê e se caracteriza por ser o período em que a base da personalidade e o ego são formados. Cores fortes chamam a atenção da criança e ela leva tudo o que pega à boca nessa fase, que é também o período de reconhecimento externo. (FREUD, 1905)

A fase anal decorre entre o primeiro e o terceiro ano de vida. O foco de prazer deixa de ser a boca e passa a ser o ânus e o controle da tensão intestinal. É nesta fase que o bebê aprende a controlar a sua defecação e a lidar com a frustração de não poder suprimir as suas necessidades de forma imediata. Os mecanismos desenvolvidos para assimilar esta frustração influenciam a formação da personalidade, como acontece na fase oral. Quanto maior for a capacidade de aguentar a vontade de defecar, maior é a atenção e o elogio que os pais oferecem. A manipulação do próprio sistema de evacuação também pode ser usada para destituir os progenitores. As crianças que se encontram na fase anal são estimuladas quando entram em contato com substâncias de consistência idêntica às fezes, como plasticina e barro. Esta é, também, a fase de absorção de normas sociais. (FREUD, 1905)

O estágio fálico é, segundo Freud, o mais importante e acontece entre os quatro e os seis anos de idade, sensivelmente. Nesta etapa psicosexual a criança apresenta um comportamento marcado pelo narcisismo e volta a sua atenção para a região genital. A criança imagina, inicialmente, que ambos os gêneros têm um pênis. Quando confrontadas com as diferenças entre o corpo feminino e masculino, as crianças desenvolvem teorias sexuais infantis. Este comportamento pode ser manifestado através do "complexo de castração", em que as crianças imaginam que as meninas não possuem pênis porque o mesmo foi arrancado.

É comum as meninas se sentirem incompletas, sentindo inveja da ausência de pênis. Esta é também a fase em que surge o Complexo de Édipo - o menino apresenta uma atração pela mãe e a menina pelo pai (Complexo de Electra). Ciúmes da mãe (no caso das meninas) e do pai (no caso dos meninos) são comuns neste período. (FREUD, 1905)

O período de latência tem início aos 5 anos, aproximadamente, e prolonga-se até ao início da puberdade. É uma fase relativamente tranquila porque as fantasias e impulsos de ordem sexual são substituídos pelo desenvolvimento cognitivo e pela absorção de normas e valores sociais. Participe ativamente no desenvolvimento intelectual e moral dos seus filhos através destas dicas que explicam como melhorar a concentração das crianças e como ensinar valores a uma criança. Neste estágio, o desenvolvimento do ego e do superego continua e os desejos sexuais não são atendidos, sendo reprimidos e só se manifestando na fase posterior. O período de latência é o estágio de aprofundação de amizades e laços sociais. (FREUD, 1905)

A fase genital é a última das etapas de desenvolvimento psicosssexual e corresponde ao período da adolescência. Neste período, as pulsões sexuais voltam a manifestar-se: há um retorno da libido à zona genital e surge um interesse em relações amorosas. É a primeira vez que a criança ganha interesse em procriar. As fases anteriores determinam a escolha do parceiro, assim como todas as escolhas até ao final da nossa vida, de acordo com Freud. Caso tenham ocorrido conflitos sexuais não resolvidos nas fases que decorreram até este período, estes tendem a emergir na fase genital (como a homossexualidade, segundo o psicólogo). O jovem perde a identidade infantil e, pouco a pouco, passa a assumir uma identidade adulta.

Sendo assim, para Freud a maior parte de nossa personalidade é moldada devido ao estresse e conflitos das fases: oral, anal e fálico, vinculados a quatro fontes principais de tensão: processo de crescimento fisiológico, frustrações, conflitos e perigos, sendo o indivíduo obrigado a desenvolver formas de reduzir tensões que emanam dessas fontes, o que o leva ao crescimento, à evolução. A libido se manifesta de múltiplas formas em nossas vidas; Freud considera que na vida adulta todas essas formas podem estar relacionadas simultaneamente.

Ao analisar a história da sexualidade e suas fases de desenvolvimento em diferentes épocas, vimos que as práticas sexuais nem sempre eram aceitas, o que em uma era normal em uma determinada civilização passou a ser rejeitado e até abominado. É possível afirmar que a sexualidade passou por várias influencias sociais, culturais, econômicas em várias épocas da história. Através das contribuições de Freud, é possível perceber que a sexualidade começou a ser compreendida com parte integrante do ser humano, não se reduzindo ao ato sexual, a afetividade ganhou espaço, a relação com o outro.

Assim sendo, os estudos de Freud foram indispensáveis para compreender as fases do desenvolvimento psicossexual da criança, passando a subsidiar novos estudos sobre a vivência saudável e uma sexualidade com qualidade. Assim, diante desse apanhado histórico da sexualidade, podemos compreender que muito ainda há o que ser discutido, porém reafirmamos a necessidade de maior estudo sobre Educação sexual que desenvolveremos a seguir.

3 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação sexual é um processo que objetiva desenvolver a autonomia continuamente nas questões que dizem respeito à sexualidade. As relações de gênero, IST, gravidez indesejada, são marcadas por preconceito, e visões equivocadas construídas histórica e culturalmente. Na escola, algumas dessas atitudes se repetem a partir de comportamentos que podem ser observados em professores e alunos, portanto a escola se torna um espaço de desenvolvimento de ações educativas do que diz respeito à sexualidade. (NUNES, 1987).

Algumas situações de preconceito no âmbito educativo são lamentáveis, podendo ser devidamente evitado, prestando-lhes as devidas informações essenciais, desde os seus primeiros anos educacionais, inclusive em assuntos em que não são tão questionados. Nunes (2008) diz que:

A questão da educação sexual é sempre muito polêmica. Recentemente ela voltou no bojo das questões sobre planejamento familiar e/ou controle da natalidade. Não é, todavia uma abordagem nova. Pois a educação sexual, no seu sentido mais profundo, não é uma mera questão técnica, mas sim uma questão social, estrutural, histórica. Todos nós como sujeitos constituídos socialmente estamos submetidos a um processo de enquadramento sexual que é determinado, em última instância, com as estruturas sociais. (NUNES. 2008,p.14).

Na realidade, a educação é todo um desenvolvimento de um método de comunicação e de aprendizagem. Comumente a “educação” tem sentido de uma pessoa bem educado, uma pessoa de boa conduta. Dessa forma, o conhecimento da escola jamais poderá distinguir áreas de atuações. Qualquer conhecimento pleiteado pelos jovens, adolescente ou criança, jamais deve ser desprezado pelos professores, principalmente as questões da sexualidade. Nesse sentido Furlani (2008) ressalta:

Além disso, destaco duas comuns representações que devem ser problematizadas na escola e na formação de educadoras/es, quando consideramos os efeitos dessa abordagem: 1º) que a educação sexual deve ser dirigida, apenas, à adolescência (afinal, “iniciação sexual” é algo que socialmente se espera nessa faixa etária; 2º) que desenvolver trabalhos de educação sexual na infância “estaria incentivando a prática sexual precoce” das crianças. Estes mitos da educação sexual merecem ser problematizados, questionados, relativizados. (FURLANI. 2008.p. 19).

Isto posto, a escola passa a ser pensada como um dispositivo político privilegiado de intervenção, buscando expandir o impacto sobre a população através do controle da sexualidade. Nesta perspectiva Furlani (2008) nos relata:

No entanto, campos teóricos como os Estudos Culturais, os Estudos Feministas e o Pós-estruturalismo demonstraram que a classe social não é a única identidade cultural

constitutiva dos sujeitos sociais, e tampouco ocupa a centralidade dos processos de desigualdade e exclusão social. Para muitas pessoas, gênero, raça, etnia, condição física, orientação sexual, nacionalidade, etc. São marcas identitárias responsáveis por experiências de exclusão tão significativas quanto à classe social (FURLANI, 2008.p.25).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da década de 1980 foi criado o tema “orientação sexual” justificado pelo crescente risco de adolescente que vinha engravidando, e a propagação pelo HIV. Vale ressaltar que no Brasil existem tantas outras doenças que matam tanto ou mais do que a AIDS e não fazem parte das discussões em sala de aula. Sobre esta questão Nunes (1987) nos diz:

Uma das complexas análises a serem feitas no campo da sexualidade consiste em avaliar as causas, os procedimentos e os impactos da AIDS na dinâmica das vivências sexuais contemporâneas. Elementos de ordem científicos, pesquisas e estudos entrelaçam-se com normas morais, conceitos éticos, preceitos religiosos e concepções existenciais. (NUNES, 1987.p. 103).

Muitas vezes as discussões sobre a Educação sexual também são vistas como um problema escolar, pela maneira de como esse tema é trabalhado na escola. Fatores como nos livros didáticos, que não trazem uma discussão sobre sexualidade na escola; a dificuldade de expressar concepções de sexualidade, educação sexual como especificidade somente das ciências biológicas, são equívocos dessa forma que podem comprometer a vida de jovens e adolescentes. Sobre essa questão diz-nos Furlani (2008):

Quando se lançou recentemente a questão da necessidade da educação sexual na escola, isto é, de maneira pedagógica e institucional, as reações imediatas logo definiram dois grupos: um mais conservador, lembrando a “responsabilidade” sobre a questão, e outro mais liberalizado demonstrando, mais que a necessidade, a urgência da questão (FURLANI, 2008.p. 14).

Desta forma, a educação sexual seria na verdade uma grande evolução de um procedimento de passagem e de aprendizagem, pois para Nunes (1987):

Ao final nos resta estabelecer algumas propostas. Tentaremos definir que uma verdadeira educação sexual está implicada numa transformação social mais abrangente. E que numa apresentação dialética deste polo, o macrocósmico, o estrutural, está presentes os mecanismos primários de relacionamento, os microcosmos pessoais, familiares, os círculos menores e vice-versa. Sem reduzir a um subjetivo radical, há na sexualidade humana uma intimidade tal que escapa a qualquer racionalismo mais comprometido com os discursos do poder (NUNES, 1987.p. 16).

Nos últimos anos os métodos pedagógicos sobre educação sexual vêm sofrendo de fato algumas alterações. Anteriormente, a sexualidade era feita sobre ameaças para os jovens e adolescentes, todas as vezes que se tratava do assunto, prontamente já eram repreendidos. Algumas aulas que falavam sobre sexualidade, transmitiam um incontestável temor, e que acabavam maleficiando as pessoas como afirma Ribeiro (2004):

Ora, se essas transformações vêm afetando a vida das pessoas, conseqüentemente, afetam as interações, sócias, entre elas, especialmente, a dinâmica da relação professor-aluno. Além disso, temos observado nas escolas, que os alunos, direta ou indiretamente – muitas vezes de maneira arredia e/ou agressiva demonstram aos professores que precisam e desejam ouvir e falar sobre o assunto. Disso resulta que a sexualidade passa a constituir-se, duplamente, numa fonte problemática, pois, se de um lado a manifestação da sexualidade e o desejo saber dos alunos tem se acentuado cada vez mais, de outro, é um fator intrigante para o próprio educador que, na maior parte das vezes, não tem sabido (ou não aprendeu a ensinar sobre a mesma) (RIBEIRO. 2004.p.125).

Diante do exposto, a situação de muitas famílias e professores acabam adotando atitudes errôneas. Mas, para Maia (2004),

A orientação sexual pode ser desastrosa se os educadores estiverem despreparados ou forem incapazes de lidar de modo adequado com sua própria sexualidade, ou se os programas forem inadequados em seus métodos ou conteúdos. Isso pode muitas vezes contribuir para uma deseducação (MAIA. 2004. p. 169).

Não hesitamos ao avaliar notadamente, mesmo quando nos mencionamos a indagar certas teorias da educação sexual diante desta atualidade, e que de certa forma tenta impetrar e postergar a esta competência às escolas. Sobre as propostas para o trabalho com Educação Sexual na escola, Maia (2004) afirma que:

Por mais que encontramos exemplos adequados e inadequados de propostas de orientação sexual, não há regras, manuais ou propostas prontas aplicáveis a todas as situações. Compreendendo a dinâmica do processo educativo, cada educador encontrará formas próprias e criativas de expressão, desde que se mantenha suficientemente aberto em relação às questões da vida e da sexualidade (MAIA, 2004, p. 170).

Ainda sobre o trabalho com Educação Sexual na escola Maia (2004) nos declara:

Os profissionais mais adequados para trabalhar com essas questões não são exclusivamente os professores de disciplinas na área da saúde como Biologia e Educação Física ou profissionais como Enfermeiros, Médicos Ginecologistas, psicólogos, Assistente Sociais, mais sim aqueles que realmente se dispõem a estudar e a informar sobre as questões da sexualidade humana nos seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais de forma clara, acessível e, sobretudo, de forma ética, garantindo contribuições para uma orientação que faça parte de um processo de educação mais sadio e livre, não restrito a preconceitos e tabus sexuais. (MAIA, 2004, p. 173).

Assim sendo, podemos observar que na atualidade a educação sexual está proporcionando benefícios para os jovens e adolescentes, a viver uma sexualidade com mais responsabilidade e adquirindo novos conhecimentos. E como diz Furlani (2011, p.40) “Educadoras e educadores comprometidos com mudanças sociais devem procurar perturbar, sacudir as formas de se posicionar de frente às discursões da educação sexual que, tradicionalmente, vem sendo realizadas no Brasil”.

4 A ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL (ONG) CORDEL VIDA E SUAS ATIVIDADES

O Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta Pela Vida- CORDEL Vida, segundo informações de um dos seus fundadores, o CORDEL Vida, surgia do sentimento de solidariedade de um grupo de amigos e amigas, pessoas que viviam e/ou conviviam com HIV/AIDS, preocupadas com a disseminação da epidemia de AIDS e com a baixa cobertura das ações de prevenção as IST/HIV e de apoio às pessoas com HIV/AIDS no interior do Estado da Paraíba, esse grupo pensou em fundar uma organização que pudesse oferecer um suporte a essa demanda, contribuindo assim com o enfrentamento da epidemia de AIDS no interior da Paraíba.

No dia 22 de fevereiro de 2005, em João Pessoa/PB, houve a Assembleia Geral de Fundação do Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta pela Vida – CORDEL Vida, que contou com a participação de 16 sócios fundadores. Neste ato, também, foi eleita e dada posse a 1ª diretoria e conselho fiscal da instituição.

De acordo com informações, obtidas na instituição, só tiveram condições para manter uma sede física após dois anos de sua fundação, contando com ajuda de amigos para financiamento das despesas de manutenção. Conforme mostra o quadro a seguir a instituição tem desenvolvido diversos projetos sociais, de suma importância para a população Paraibana. Tendo o seu primeiro projeto aprovado pela Secretaria de Saúde de João Pessoa, via edital, no ano de 2007, projeto esse, desenvolvido até os dias atuais, denominado de *Recriando Vidas*. Iremos demonstrar alguns dos projetos aprovados via edital durante a trajetória de vida desta instituição.

Quadro 1: Projetos desenvolvidos pela ONG CORDEL Vida.

Projetos Desenvolvidos pela ONG CORDEL Vida		
Nomes dos Projetos	Objetivo	Ano
Recriando Vidas	É desenvolvido dentro do Hospital de Referências de doenças Infecto Contagiosa Dr. Clementino Fraga, onde os pacientes e seus acompanhantes participavam de <i>Oficinas de arteterapia (Terapia Ocupacional</i> , proporcionando a alegria, estimulando aumento da autoestima, e possibilitando uma melhor condição de vida para estas pessoas). Tendo como parceira a Prefeitura Municipal de Saúde de João Pessoa/PB.	2007 a 2017
Direito a Vida	Tem como objetivo trabalha especificamente para atender as pessoas vivendo com HIV/AIDS na Paraíba, visando o combate à discriminação e ao preconceito, contribuindo com o enfrentamento ao HIV/AIDS no Estado. Articulado discursões em saúde e direitos humanos, numa perspectiva plural, abarcando as diferenças e diversidades das populações que compõem Paraíba. Apoiado pelo e Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC) e Governo da Paraíba.	2007 a 2017

Projeto Elos	Educação para Cidadania; e escola e cidadania – Sexualidade Humana e prevenção da IST/AIDS, em 60 escolas da rede municipal de João Pessoa com a participação de 21.183 alunos do ensino fundamental II e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em parceria com a Secretária de Educação da Prefeitura de João Pessoa (SEDEC),	2008
Interiorizando a prevenção das IST/HIV/AIDS	Foi desenvolveram ações de prevenção das IST/HIV/AIDS, para adolescentes e jovens, da rede pública de ensino no estado da PB. Conta com o apoio da Secretaria Estadual de Saúde (SES – PB)	2009 e 2011
Escola e Cidadania	Foram trabalhado os temas Saúde, Sexualidade, Gênero, Ética, Pluralidade Cultural, Violência (na perspectiva de cultura de paz) e Prevenção do uso e abuso de Drogas Lícitas e Ilícitas, Educação para o Trânsito e Meio Ambiente. Estas atividades complementares educativas foram desenvolvidas com a comunidade escolar inserida no ensino fundamental II e educação para jovens e adultos (EJA) da rede pública de ensino do município de João Pessoa, favorecendo a universalização da discussão dos temas transversais, preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Contou com o financiamento da (SEDEC/JP)	2010 e 2011
Jovem Multiplicador	Tem como objetivo o desenvolvimento de intervenções educativas, visando mudanças comportamentais, que possibilite o enfrentamento as infecções sexualmente transmissíveis, HIV/AIDS, Hepatites Virais (HV) na população jovem. Para depois multiplicar para outros jovens e adolescentes. Em 2008, 2012 e 2016 capacitou 400, jovens e adolescentes. Subsidiado pela SES/PB e Fundo POSITHIVO (Instituição Privada de São Paulo/SP).	2008, 2012 e 2016
Atitude Interior Saúde e Cidadania	Tem como objetivo o desenvolvimento de ações de educação preventivas as IST/HIV/AIDS. Com apoio da Secretaria Estadual de Saúde da Paraíba.	2012
Viva Melhor Sabendo	Que oferta informações sobre prevenção as IST, HIV/AIDS e Hepatites Virais, e testes rápido para HIV, por fluido oral, e distribuição de material informativo e insumos de prevenção. para usuários de álcool e outras drogas, E população em situação de rua de João Pessoa e região metropolitana.	2013 a 2016
Atitude interior e Escola e Cidadã	Desenvolver ações de educação e cidadania, abordando as temas: sexualidade humana; Drogadição: prevenção e cuidado no uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas; e prevenção das IST/AIDS, para adolescentes e jovens da rede pública de ensino do estado da Paraíba. Alcançando durante o ano de 2008 e 2014 atender cerca de 60 mil pessoas, em 250 escolas, localizadas em 30 municípios do Estado da Paraíba. Com apoio da SES/PB.	2008 a 2014
A Parada é Prevenir, Testar e Tratar as IST/AIDS e Hepatites Virais	Durante a Parada LGBT (Lésbicas, Gays, bissexual, travesti e transexual) realizada em João Pessoa, houve uma intervenção educativa no local da concentração e socialização daquela população, e durante o percurso foi acontecendo às abordagens educativas, realizada de forma individual e coletiva. Este projeto foi financiado pela United Nations Education, Scientific and Cultural Organization (UNESCO).	2016
Direitos Humano e Saúde: educação prevenção e promoção no campo da vigilância em saúde.	O objetivo principal desde projeto é a contribuição para a ampliação do conhecimento e diagnóstico relacionado ao HIV/AIDS, HV e a Tuberculose (TB) no estado da Paraíba atuando através de ações de base comunitária e educação em saúde em oito municípios do Estado. (João Pessoa, Guarabira, Solânea, Bayeux, Cabedelo, Santa Rita, Sapé e Pedras de Fogo). Financiado pelo Ministério da Saúde	2016 e 2017

Fonte: CORDEL Vida, 30/03/2017.

A instituição reformulou seu estatuto social em 2015, ampliando seu foco de ação para além da problemática do HIV/AIDS e para todo território nacional, conforme consta nos seus art. 2º e 3º, que trata das atividades e dos objetivos da instituição. Ao analisarmos os Incisos

do Artigo 3^a do estatuto do CORDEL Vida, podemos perceber uma vasta área de atuação da instituição para com a população paraibana, e que muitas dessas ações seriam de caráter e cunho obrigatório dos Governos.

Art. 2º O CORDEL VIDA poderá exercer suas atividades em todo território nacional e âmbito internacional, inclusive por meio de filiais, sem prejuízos de seu sistema de centralização administrativa.

Art. 3º O CORDEL VIDA tem como objetivos:

I – Desenvolver ações de promoção e defesa dos direitos humanos, da cidadania, da diversidade humana e diferenças, da equidade e da igualdade, bem como a defesa e promoção dos direitos individuais, difusos e coletivos relacionados ao direito a saúde.

II – Atuar na promoção e defesa do Sistema Único de Saúde, enquanto dever do Estado, promovendo os princípios da universalidade, integralidade, autonomia, dignidade da pessoa humana, especialmente a atenção aos direitos biopsicossociais dos usuários.

III – Promover e defender o direito a saúde, os direitos humanos e lutar contra todo e qualquer tipo de violência institucional, estrutural, física, moral, psicológica, econômica dentre outras, cometidas em face de pessoas em vulnerabilidade como pessoas vivendo com HIV/AIDS, tuberculose e hepatites virais, mulheres, homossexuais, gays, lésbicas, travestis, transgêneros, crianças, adolescentes, idosos, juventudes, prostitutas, pessoas em situação de rua, usuários e dependentes de drogas lícitas e ilícitas, pessoas em situação de pobreza e/ou qualquer população e/ou grupo em situação de vulnerabilidade.

IV - Promover e defender os direitos humanos por meio de denúncias de violações junto aos órgãos governamentais, inclusive os órgãos judiciais competentes, assim como às organizações nacionais e internacionais de defesa dos direitos humanos nas suas redes de atuação e aos diversos meios de comunicação entre outros.

V - Promover a educação e fomentar uma cultura voltada para o respeito e a promoção dos direitos humanos com base nos princípios da educação popular, priorizando os saberes e vivências dos educandos, assim como a autonomia e protagonismo do aprendizado voltado para a emancipação política e empoderamento dos mesmos.

VI – Oferecer cursos e capacitação para servidores da administração pública, ou qualquer público que atue diretamente na defesa e promoção dos direitos humanos nas diversas áreas do conhecimento técnico, científico, humanos e legal relacionados aos objetivos da associação.

VII – Executar diretamente ou em parceria pesquisas científicas voltadas para o alcance dos objetivos da associação.

VIII – participar, realizar e/ou apoiar atividades, campanhas, audiências públicas, oficinas, encontros, conferências, seminários, cursos, palestras, programas, projetos, articulações, fóruns, redes, comitês, conselhos de direitos, nas áreas de direitos humanos, saúde, cultura, comunicação, educação, segurança públicas, redução de danos, geração de emprego e renda, criança e adolescente, juventude, idosos (as), gênero, orientação sexual, populações de terreiros, ribeirinhos, movimentos sociais, quilombolas, indígenas e outros grupos e populações em situação de vulnerabilidade social.

IX – estimular e apoiar a cooperação e as diversas formas associativas de organização, articulação, atividades relacionadas à geração de renda.

X – promover a integração e os fortalecimentos dos movimentos sociais, redes e outras formas de organização da sociedade civil organizada, assim como defender os interesses e promover o desenvolvimento intelectual, profissional, moral e crítico de seus associados.

XI - Desenvolver atividades de auto sustentação econômica por meio de produção de materiais promocionais, publicações, venda de produtos, bem como prestar serviços cujos resultados serão destinados a finalidade prevista nesse estatuto, sem

prejuízo dos apoios de projetos e financiamentos externos, sem qualquer vinculação lucrativa.

Em conformidade com essa nova adequação do estatuto do CORDEL Vida, apresentou maiores possibilidades de pleitear junto a outros editais, o direito e a capacidade para o seu crescimento, e o desenvolvimento dessa Organização. Sendo assim, o CORDEL Vida vem contribuindo para o desenvolvimento da população que cobra por seus direitos.

5 Procedimentos metodológicos

Para responder as perguntas de nossa pesquisa, precisamos inicialmente definir a natureza metodológica da nossa investigação. Desde a introdução suscitamos a necessidade de focar em um único objeto de investigação. De acordo com Minayo (1994), metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre deverá estar referidas a elas. As teorias são construídas para explicar ou compreender um fenômeno, um processo, ou um conjunto de fenômenos e processos.

De acordo com Triviños (1990), a pesquisa qualitativa, pelo tipo de técnicas que emprega, não estabelece separações estanques entre a coleta e a interpretação das informações. O autor indica que existe um fluxo constante de informações que são levantadas e logo após são interpretadas, podendo dar origem a novas questões, o que requer outra busca de dados.

Acreditamos que conseguimos elucidar as resposta de nossa pesquisa através da pesquisa qualitativa, que nos deu a oportunidade de entender processos e fenômenos que não puderam ser quantificados. A partir daí a percepção e investigação qualitativa teve como objetivo a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, colhendo dados a partir de uma conexão com o indivíduo.

Nesse sentido, na pesquisa qualitativa o pesquisador é o principal instrumento, para eles os dados podem ser obtidos de fontes diversas: como análise de textos pessoais dos sujeitos da pesquisa, entrevistas, manuais e documentos oficiais, atividades produzidas na sala de aula entre outros (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 24).

A pesquisa constitui em duas etapas: uma pesquisa de campo, com coleta de dados a partir de questionários e entrevistas e uma etapa de intervenção a partir das oficinas onde ocorreram as observações.

5.1 Tipo de trabalho de campo

Para desenvolver a nossa investigação optamos por uma pesquisa de Campo. Segundo Fiorentino e Lorenzato (2006) a pesquisa de Campo é uma modalidade de investigação que a coleta de dados é realizada no local de pesquisa, podendo assumir outras tipificações, como observação participante por exemplo.

O papel adotado durante toda a coleta de dados foi o de pesquisa participante, variando de observadores como participantes e de participantes como observadores. Nossa participação foi do tipo conhecida pelos observados, ou seja, os alunos que participaram da pesquisa foram informados sobre o estudo e concordaram em participar do mesmo.

Os dados coletados do primeiro questionário ocorreram nos dias 7 e 8 de março de 2016. O segundo encontro ocorreu nos dias 13 e 14 de Setembro de 2016, utilizando como estratégias observação participante e um questionário semiestruturado final.

5.2 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados.

Um dos nossos instrumentos de coleta de dados foi a aplicação de questionário. Ele pode ser definido como uma técnica de investigação social que tem um conjunto de questões submetidas a um indivíduo com o intuito de coletar informações, como conhecimentos, expectativas ou interesses, por exemplo, (GIL, 2008).

Utilizamos o questionário por ser extremamente útil para nós investigadores, por nos trazer uma maior facilidade para interrogar um maior número de pessoas em um espaço de tempo relativamente curto. Para sabermos os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao tema que seria abordado, o questionário foi essencial para análise contribuindo na construção das oficinas pedagógicas de acordo com o que identificamos como mais necessidade informativa para os alunos.

Solicitamos que a direção da Escola Estadual Santa Emília, liberasse o espaço do auditório para aplicação do questionário, com o intuito de atingir o maior número de alunos possível. Foram elaborado 60 questionários, 51 aplicados e voltaram 9. O questionário era formado por 6 perguntas que se encontra no apêndice deste trabalho, referentes ao conhecimento prévio dos alunos sobre a sexualidade, se já ouviram falar sobre o tema, Caso a Escola tenha abordado, de que maneira esse conhecimento foi transmitido, que assuntos eles gostariam de saber nas oficinas de educação sexual, se acham importante a Escola trabalhar o assunto, e se acaso quisesse poderia deixar suas dúvidas.

A aplicação do questionário foi de suma importância para construirmos as oficinas. Através das respostas, constatamos que a maioria dos alunos tem uma percepção equivocada sobre a Sexualidade. É um ambiente que circula curiosidades e anseios ligados ao tema. Vimos também, através das respostas, que a Escola distância a discussão da sala de aula, apesar de em algumas respostas constatarmos que já houve palestras sobre IST, AIDS, porém

são muito poucos os relatos de que essa informação foi passada de maneira significativa por alguns professores da escola.

Ainda sobre o questionário, muitas dúvidas surgiram, sobre gravidez, utilização de alguns métodos contraceptivos, quais os tipos de infecções, o porquê de que em algumas relações o parceiro machuca a mulher, dentre outras. Esse primeiro questionário também subsidiou para decidirmos por acrescentar algumas discussões que até então não achávamos necessário, como por exemplo, a violência contra mulher.

Durante o nosso processo de intervenção, tivemos uma observação participante que constou basicamente em escutar ativamente e observar reações de alguns alunos referentes a algumas situações apresentadas nas discussões. Além de propor algumas situações, decidimos interferir participando juntamente com os alunos, tirando dúvidas e propondo alguns questionamentos.

A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado. Uma autoanálise faz-se, portanto, necessária e convém ser inserida na própria história da pesquisa. A presença do pesquisador tem que ser justificada e sua transformação em "nativo" não se verificará, ou seja, por mais que se pense inserido, sobre ele paira sempre a "curiosidade" quando não a desconfiança (WHYTE, 2005.p. 301).

No primeiro dia de intervenção, mais precisamente dia 13 de Setembro, fizemos 3 Oficinas: Teia de transmissão, Conceitos de Sexo, Sexualidade e Gênero e as IST/ HIV/ aids /HV. Nossa observação participante ocorreu durante todas as intervenções. Levando em consideração que nós estávamos alternando as apresentações, pudemos alternar a nossa participação durante as falas um do outro e dos alunos. Alguns alunos interromperam nossas fala para levantar um questionamento, dar opiniões, alertar a importância das discussões de gênero, que para eles é algo que nunca foi discutido em sala de aula, sobre como contraímos as infecções, e conhecer a distinção de ambas. Segue a baixo o quadro da primeira oficina:

Quadro 2: Primeira oficina (Teia do Envolvimento)

Teia do Envolvimento		
		Data
Objetivo	Solicitar aos alunos na sala de aula que se apresentem.	

Conteúdo	Dinâmica de relaxamento para que os alunos sintam-se a vontade em grupo.	13/Set 2016
Atividades desenvolvidas	Apresentação individual de cada aluno, nome, idade e de que ciclo faz parte.	
Procedimentos	1º Apresentamos aos alunos o que é a dinâmica da teia do envolvimento e qual seu objetivo; 2º Com um rolo de barbante, amarrado a ponta em nosso dedo fizemos nossa apresentação pessoal, dizendo nome, formação, um hobby, ou algo que gostamos de fazer. 2º Logo em seguida escolhemos uma pessoa e jogamos com cuidado o rolo de barbante para que este o pegasse. 3º Já com o rolo de barbante na mão pedimos que a pessoa enrolasse o barbante em seu dedo indicador e que da mesma maneira faça uma apresentação pessoal, dizendo seu nome, sua formação, algo que goste de fazer. 4º Feita a apresentação esta pessoa manteve o barbante preso em seu dedo indicador e arremessou o rolo para outra pessoa. A dinâmica prosseguiu, até que o ultimo aluno fez a sua apresentação. 5º Após cada apresentação seguimos com as discussões dos temas que viriam em seguida.	
Recursos	Rolo de Barbante.	
Duração	30 Minutos	

Fonte: Projeto de pesquisa.

Através das observações pudemos capturar alguns comportamentos frente à discussão do conceito de Gênero. Muitos alunos do sexo masculino riam ou debochavam no que diz respeito à diversidade de gênero. A todo o momento salientamos que é uma discussão pertinente, pois cada vez mais vemos homens e mulheres transgênero que sofrem preconceito pelo simples fato de se identificar como o gênero oposto. Segue a baixo o quadro da segunda oficina:

Quadro 3: Segunda Oficina (Conceitos de Sexo, Sexualidade e gênero)

Conceitos de Sexo, sexualidade e gênero		Data
Objetivo	Apresentar os conceitos de sexo, sexualidade e gênero, abrindo a discussão sobre a temática.	
Conteúdo	Conceito sobre sexo, sexualidade e Gênero, Relações de Gênero ou papel sexual, diversidade sexual e identidades de gênero.	13/Set 2016
Atividades desenvolvidas	Apresentação dos temas através de Slides. Solicitamos aos alunos que fizessem perguntas em um pedaço de papel sem precisar se identificar.	
Procedimentos	1º Inicialmente fizemos algumas perguntas sobre o tema para saber se algum aluno saberia diferenciar sexo, sexualidade e gênero. 2º Solicitamos aos alunos que em uma folha de papel ao decorrer das apresentações, fizessem perguntas para serem respondidas no final. 3º Entregamos pedaços de papel e canetas esferográficas 4º Iniciamos a apresentação sobre os conceitos de Sexo e Sexualidade. 5º Após a finalização abrimos para roda de conversa e respostas das perguntas. 6º Apresentamos o conceito de gênero com apresentação por slides. 7º Iniciamos uma roda de conversa para discutir o tema e responder as respostas dos alunos. 8º Finalizamos pedindo para que os alunos trouxessem perguntas no dia seguinte.	

Recursos	Data Show, Notebook, caixa de som, papel ofício e canetas esferográficas.	
Duração	1 hora e 15 minutos	

Fonte: Projeto de pesquisa.

Observamos ainda, que durante a apresentação das IST, alguns alunos estavam participativos e curiosos, levantando questões de extrema relevância para a discussão. Dois desses alunos nos procuraram ao final das oficinas para falar sobre uma possível infecção, que já haviam desconfiado, e através da apresentação dos slides com imagens, viram que deveriam procurar um médico, pois ficaram desconfiados de terem alguma doença. Segue a baixo a intervenção sobre IST/HIV/AIDS/HV:

Quadro 4: Terceira Oficina (As IST/ HIV/ AIDS /HV.)

As IST/ HIV/ aids /HV.		
		Data
Objetivo	Apresentar aos alunos as IST existentes, o vírus do HIV, HV e aids. Abrindo o espaço para discussão e debate sobre o tema.	13/Set 2016
Conteúdo	Doenças sexualmente transmissíveis – IST; Principais IST; HIV/AIDS (Cancro mole, Condiloma acuminado, HPV, Doença Inflamatória Pélvica (DIP), Donovanose, Gonorreia e infecção por Clamídia, Hepatites virais, Herpes genital e etc) .	
Atividades desenvolvidas	Apresentação dos temas através de Slides. Solicitamos aos alunos que fizessem perguntas em um pedaço de papel sem precisar se identificar.	
Procedimentos	1º Inicialmente fizemos algumas perguntas sobre o tema para saber se algum aluno saberia alguns tipos de IST e como ocorre a contaminação. 2º Solicitamos aos alunos que em uma folha de papel ao decorrer das apresentações, fizessem perguntas para serem respondidas no final. 3º Entregamos pedaços de papel e canetas esferográficas 4º Iniciamos a apresentação sobre as IST's existentes, demonstrando através de imagens como fica o local infectado. 5º Após a finalização abrimos para roda de conversa e respostas das perguntas. 6º Solicitamos que se algum aluno tivesse d. 7º Iniciamos uma roda de conversa para discutir o tema e responder as respostas dos alunos. 8º Finalizamos pedindo para que os alunos trouxessem perguntas no dia seguinte.	
Recursos	Data Show, Notebook, caixa de som, papel ofício e canetas esferográfica.	
Duração	1 hora e 30 minutos	

Fonte: Projeto de pesquisa.

No Segundo dia de Oficina, 14 de Setembro, trabalhamos os temas: Métodos contraceptivos e Violência contra mulher. Seguindo com nossas observações, durante a apresentação do primeiro tema, capturamos algumas reações de alunos com desejo de participar das demonstrações de como fazer uso das camisinhas Feminina e Masculina. Não tínhamos pensado em chamar os alunos para fazer a demonstração, porém, ao apresentarmos a

prótese feminina e o pênis de silicone, recursos utilizados para a amostra, alguns se disponibilizaram para ajudar. Foi possível perceber o quanto a camisinha feminina ainda é estigmatizada como um objeto “grande e que incomoda”, sem nem ao menos ser usada, muitas alunas tem essa percepção, salientando assim que preferem transar sem camisinha a fazer o uso da feminina. Segue a baixo o quadro do primeiro tema do segundo dia de oficinas:

Quadro 5: Quarta Oficina (Métodos Contraceptivos)

Métodos Contraceptivos		
		Data
Objetivo	Apresentar os métodos contraceptivos existentes.	14/Set 2016
Conteúdo	Utilização dos métodos contraceptivos, como: Camisinha feminina e masculina, Diafragma, espermicidas, contraceptivos oral, contraceptivos injetáveis e tabelinha.	
Atividades desenvolvidas	Apresentação dos temas através de Slides. Solicitamos aos alunos que fizessem perguntas em um pedaço de papel sem precisar se identificar. Com a participação dos alunos fizemos a demonstração do uso da camisinha feminina e masculina.	
Procedimentos	1º Inicialmente fizemos algumas perguntas sobre o tema para saber se algum aluno saberia os tipos de contraceptivos existentes. 2º Solicitamos aos alunos que em uma folha de papel ao decorrer das apresentações, fizessem perguntas para serem respondidas no final. 3º Entregamos pedaços de papel e canetas esferográficas 4º Iniciamos a apresentação sobre os contraceptivos existentes, demonstrando através de imagens e tabela, quais os tipos e a maneira correta de usar. 5º Com um pênis de silicone, solicitamos que um aluno viesse fazer uma demonstração de como fazer o uso correto da camisinha masculina, em seguida da camisinha feminina utilizando uma prótese de silicone. 6º Após a demonstração, mostramos os erros mais comuns cometidos na hora da utilização da camisinha, tanto masculina como feminina. 7º Iniciamos uma roda de conversa para discutir o tema e responder as respostas dos alunos.	
Recursos	Data Show, Notebook, caixa de som, papel ofício e canetas esferográficas.	
Duração	1 hora e 30 minutos	

Fonte: Projeto de pesquisa.

Seguindo a observação participante, durante a apresentação do tema Violência contra Mulher, percebemos que logo no início todos ficaram em silêncio, estranhamos e seguimos a discussão, durante toda a apresentação alunas que estavam participando pediam a palavra para contar alguma história de violência que já haviam presenciado, outras ficavam observando, mas não falavam nada. Foi possível constatar o quando o tema de Violência contra mulher mexia com cada uma das mulheres que estão ouvindo, mesmo que não tenham sofrido algum tipo de violência, todas se sensibilizaram e observaram atentamente a apresentação. Segue a baixo o quadro sobre o tema Violência contra mulher:

Quadro 6: Quinta Oficina (Violência contra Mulher)

Violência contra Mulher		
		Data
Objetivo	Apresentar os tipos de violência contra a mulher, abrindo o espaço para discussão do tema.	14/Set 2016
Conteúdo	Tipos de Violência: Psicológica, física, moral e sexual.	
Atividades desenvolvidas	Apresentação dos temas através de Slides. Solicitamos aos alunos que fizessem perguntas em um pedaço de papel sem precisar se identificar. Discussão sobre o tema a partir da apresentação dos tipos de violência, com slides; Exposição de experiência vivenciada por alunas.	
Procedimentos	1º Inicialmente fizemos algumas perguntas sobre o tema para saber se alunas passaram por algum tipo de violência, ou se conhecem alguém que já sofreu. 2º Solicitamos aos alunos que em uma folha de papel ao decorrer das apresentações, fizessem perguntas para serem respondidas no final. 3º Entregamos pedaços de papel e canetas esferográficas 4º Iniciamos a apresentação sobre os tipos de violência, como elas acontecem, como denunciar, e a lei que garante o direito da mulher não sofrer abuso. Após a apresentação, duas alunas deram depoimentos de violência doméstica vivenciadas por elas. 6º. 7º Iniciamos uma roda de conversa para discutir o tema.	
Recursos	Data Show, Notebook, caixa de som, papel ofício e canetas esferográficas.	
Duração	1 hora e 52 minutos	

Fonte: Projeto de pesquisa.

O CORDEL Vida trabalha com o modelo de educação popular. Por isso utilizamos também a Roda de Conversa que é uma possibilidade metodológica para uma comunicação dinâmica e produtiva entre alunos adolescentes e professores no ensino da Educação de Jovens e Adultos. Essa técnica apresentou-se como um rico instrumento para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico.

A coleta de dados por meio da Roda de Conversa permitiu a interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa por ser uma espécie de entrevista de grupo, como o próprio nome sugere. Isso não significa que se trata de um processo diretivo e fechado em que se alternam perguntas e respostas, mas uma discussão focada em tópicos específicos na qual os participantes são incentivados a emitirem opiniões sobre o tema de interesse (IERVOLINO; PELICIONI, 2001).

Utilizamos a roda de conversa como procedimento final em cada oficina. Através das observações constatamos que alguns alunos ficavam inquietos e querendo fazer perguntas, algumas das vezes individualmente, mas na maioria todos perguntavam ao fim de cada apresentação. Decidimos então fazer as rodas de conversas nas oficinas em quatro sessões,

uma sessão para cada apresentação: Sexo, sexualidade e gênero; Tipos de infecções, formas de contaminação e prevenção; Métodos contraceptivos e Violência contra mulher.

Em todas as sessões, todos os alunos que estavam desde o início participaram das discussões até o final. As rodas duraram cerca de 30 a 35 minutos cada uma. Ao fim de cada apresentação, pedimos para que os alunos fizessem seus questionamentos, caso tenha surgido algumas dúvidas. Na roda de conversa sobre Sexo, sexualidade e Gênero as dúvidas que surgiram foram sobre as distinções dos termos, como por exemplo: Mulher Transgênero, Homens Transgênero, Cisgênero e etc. Vimos que é uma discussão que inquietavam bastante com a curiosidade de cada um, apesar de não saberem a diferença eles procuravam um meio de distinguir, para futuramente não errar.

Na roda de conversa sobre os tipos de infecções, levantamos algumas questões para relembrar como acontecem os tipos de contaminação, se eles já conseguiam distinguir uma infecção de outra. Alguns alunos relataram que a falta de conversa com a família é um fator que prejudica seu conhecimento sobre o assunto, pois a Escola acaba se tornando responsável para trabalhar questões que para eles são desconfortáveis, por terem vergonha de perguntar.

Quando abrimos a roda de conversa para discutirmos a Violência contra mulher, instantaneamente duas alunas pediram a palavra para relatar casos de violência doméstica sofrida por elas. Foi muito relevante a participação das alunas, pois, as outras que não quiseram participar, e os alunos presentes prestaram atenção e se sensibilizaram com a história de cada uma. Infelizmente, meses após nossa ida a Escola, fomos notificados da morte de uma das alunas que participaram da roda de conversa conosco, mais uma para a estatística de crime contra a mulher.

5.3 Local da Pesquisa

A Escola Estadual Santa Emília, foi umas da primeira escola estadual neste município. A cidade de Ouro Velho esta localizada no Cariri Ocidental, a 320 km², da capital. Surgiu em 1884, na localidade onde hoje está situado o município, existia a fazenda Izidro, de propriedade, do senhor Antônio Pedro de Araújo. Na região foi construída uma capela oferecida a Nossa Senhora da Conceição. Algumas famílias foram atraídos para aquela localidade foram chegando ali e construído novas casas e, em pouco tempo apresentou-se um lugar com características de povoado.

No ano de 1886, Antônio Pedro de Araújo fez a então doação do patrimônio a padroeira do lugar, batizando aquela localidade com o topônimo de Conceição, modificada pouco tempo depois para Conceição do Mugiqui. (IBGE 2016).

A escolha daquele Município se deu por diversas situações, dentre elas podemos citar: pelos pais não abordarem a sexualidade de forma natural com seus filhos, e ou, muitas vezes por se esquivarem-se devido à falta de conhecimento do assunto; um dos integrantes deste trabalho nasceu e criou-se naquela cidade, e não obteve nenhum conhecimento a respeito desta temática, por falta de esclarecimento dos pais e de seus professores, acreditando assim na necessidade de levar o conhecimento sobre Sexualidade para os jovens e adolescentes daquele município através da Ong CORDEL Vida; por ser uma cidade pequena com mesmo de 3.000 (três Mil) habitantes, de acordo com dados do Ministério da Saúde, o índice de AIDS no ano de 2004 foram 4 pessoas infectadas pelo vírus HIV; Também pelo números de casos de IST que são altos para uma população tão pequena.

A escola não tinha nenhuma relação com a temática, porém conhecermos a cidade, e a escola, e resolvemos então desenvolver essas ações naquela instituição de ensino, onde se encontrava matriculados 170 alunos. Uma Escola Pública que está localizada na zona urbana da cidade, e atende a toda a população urbana e rural daquele município. Para o desenvolvimento do nosso trabalho escolhemos o público jovens e adolescentes, tendo como um público de alta vulnerabilidade desse município.

5.4 Participantes da pesquisa

Como já foi relatado anteriormente decidimos escolher o público de jovens e adolescentes daquela cidade e escola, por o CORDEL Vida ter desenvolvido um trabalho nesta cidade, a pedido de alguns jovens, também por fazer parte da vida de um dos autores desta pesquisa, tanto a cidade quanto o CORDEL Vida. Há anos pudemos conviver com esta situação onde não se ouvia falar sobre sexualidade, tendo que procurar aprender com o convívio da vida, e apenas buscando informações em revistas e algumas vezes na televisão, hoje mais bem informado resolvemos então compartilhar o nosso aprendizado com muitos daqueles alunos que interoperam os seus estudos durante seu período regular e não obtiveram o conhecimento.

O pedido de alguns jovens e adolescentes para que levássemos essas informações para todos daquela instituição também foi um fator que nos impulsionou a desenvolvermos a pesquisa nessa escola.

Vale ressaltar que a participação é um direito de todos e, como tal, não foi um privilégio concedido para apenas alguns, mas o direito fundamental de cada pessoa expressar sua opinião sobre os temas que ali foram abordados. Em outras palavras, é um direito fundamental para todos e todas as pessoas - especialmente aqueles "mais vulneráveis" da sociedade. Foi de suma importância à participação dos jovens e adolescentes, que se deu de forma espontânea, e tanto na primeira pesquisa onde podemos contar com mais de 50 (Cinquenta) alunos interessados em nos ajudar, quanto na última que apesar de muitos já terem desistido ainda assim podemos contar com 38 (trinta e oito) discentes. Estes discentes eram pessoas simples, pobres mais muito interessados em obter o conhecimento, eram jovens e adolescentes que tinham de 15 a 49 anos.

Como já havíamos relatado anteriormente na segunda entrevista participaram 38 alunos, com faixa etária de idade conforme mostra a tabela abaixo:

Quadro 7: Faixa etária de idade

Idade	Quantidade de Pessoas
14 a 16 anos	10 pessoas
17 a 20 anos	23 pessoas
23 a 30 anos	3 pessoas
Acima dos 30 anos	2 pessoas

Durante a nossa primeira pesquisa, responderam aos questionários 51 (cinquenta e um) participantes, sendo 21 (vinte e um) do sexo masculino e 30 trinta do sexo feminino. Já no segundo questionário obtivemos um número um pouco menor, que foi de 38 (trinta e oito) participantes, sendo 12 (doze) do sexo masculino, e 25 (vinte e cinco) do sexo feminino.

Pelo que podemos observar o perfil na EJA, é onde se transpassam os interesses de uma educação que deveria ter ocorrido durante a infância. A partir de uma diversidade do campo educativo, foi que escolhemos para discutir a temática com o público da EJA, elencando a abordagem do perfil de alguns participantes desse processo, que se trata de pessoas humildes, assalariados, domésticas e desempregados, que estão sempre em busca de novos conhecimentos.

6 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados tem como objetivo a leitura dos dados colhidos, compreendendo o objeto da pesquisa, a partir da dimensão teórica do tema. Para Minayo (2001, p. 74), a análise de conteúdo é “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas”. A autora acredita que a análise dispõe uma aplicação variada. A partir dessa perspectiva, decidimos por fazer a triangulação. Triviños (1987) nos diz que o processo de triangulação permite uma melhor dimensão na descrição, explicação e compreensão do objeto estudado.

Dessa maneira comparamos os dados coletados através de três instrumentos de pesquisa, observação, entrevista semiestruturada e questionário. Assim, conseguimos alcançar com mais facilidade os fatos pesquisados. Essa aproximação nos garante uma análise mais consistente, facilitando a resposta dos nossos objetivos, tornando nossa pesquisa mais relevante e eficaz.

Portanto, a partir da necessidade da discussão sobre Educação Sexual na Escola Estadual Santa Emília no município de Ouro Velho, para uma melhor manifestação da sexualidade dos alunos da EJA, a pesquisa propõe trabalhar com elementos que venham a envolver todos os sujeitos participantes sob os olhares da Ong CORDEL Vida para que os Jovens e adolescentes venham a refletir e viver sua Sexualidade com afetividade e respeito.

Diante do exposto, fizemos um estudo dos dados que foi colhido através do trabalho de campo, durante a aplicação do questionário, observação participante e roda de conversa.

Mediante os estudos deu-se início ao procedimento de análise de dados com o propósito de expressar aquilo que nossa pesquisa *in loco* nos revela, que foi direcionado através da questão central do nosso estudo.

Para preservar a identidade dos sujeitos que muito nos ajudaram diante dessa pesquisa, nós não utilizamos os nomes, apenas letras do alfabeto.

De início descrevemos um pouco sobre o surgimento da Ong CORDEL Vida, que foi o ponto de partida para a nossa pesquisa, no sentido de situar o/a leitor/a lhe dando uma melhor proporção de leitura do nosso trabalho.

Diante de todos os achados e após a leitura e releitura dos dados, organizamos em ordens, construídas em torno de 03 (três) eixos. Dessa maneira para não perdemos a relação que tem entre os elementos que compõem toda a nossa pesquisa, os dados que obtivemos foram estudados e interpretados a partir dos eixos que mencionamos a seguir.

- ✓ O trabalho da ONG CORDEL Vida e as dimensões da sexualidade.
- ✓ O trabalho da ONG CORDEL Vida na visão dos jovens e adolescentes da EJA.

- ✓ Os desafios do trabalho sobre educação sexual com jovens e adolescentes na visão da Ong CORDEL Vida.

6.1 O trabalho da ONG CORDEL Vida e as dimensões da sexualidade

O CORDEL Vida vem desenvolvendo ações, em vários municípios paraibanos, nas áreas de: Desenvolvimento Institucional; Informação/Educação/Comunicação; Atenção as Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA); e Controle Social das políticas públicas para IST/HIV/AIDS e HV. Dentre as principais atividades, destacamos: Capacitações para Agentes Multiplicadores de Prevenção das IST/HIV/AIDS/HV; Oficinas de Sexualidade, Gênero, Ética, Métodos Contraceptivos, Prevenção das IST/HIV/AIDS/HV; Artesanato; Distribuição de preservativos e materiais informativos; Visitas domiciliares, Orientação Psicossocial e Oficinas de Adesão ao Tratamento para as Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA).

Figura 1: Material produzido pelos pacientes do hospital



Fonte: arquivos CORDEL Vida: 03/09/2007

Figura 2: Oficina de Terapia Ocupacional

Fonte: arquivos CORDEL Vida: 03/09/2007

O Projeto Recriando Vidas que tem como objetivo principal, contribuir com a melhoria do bem estar físicos e psicológicos das pessoas vivendo com HIV/AIDS, e também seus acompanhantes, pacientes estes internos no Complexo Hospitalar Clementino Fraga (CHCF), através do desenvolvimento de oficinas de artesanato, utilizado como terapia ocupacional. Este material foi produzido pelos pacientes. Deu-se início no ano de 2007 quando o Cordel Vida teve seu primeiro projeto aprovado via edital.

Figura 04-

Figura 3: Primeira Capacitação no no Projeto Jovens Multiplicador

Fonte: arquivos CORDEL Vida: 17/02/2008 e 2012

Figura 4: Segunda Capacitação no Projeto Jovens Multiplicador



Fonte: arquivos CORDEL Vida: 17/02/2008 e 2012

As fotos a cima foram do Projeto Jovem Multiplicador que ocorreu no ano de 2008 e 2012, teve como objetivo principal capacitar jovens e adolescentes para o desenvolvimento de intervenções educativas, visando mudanças comportamentais, em que se possibilita o desenvolvimento para o enfrentamento as infecções sexualmente transmissíveis, na população jovem de alguns municípios do interior da Paraíba e também da capital.

Em razão da juventude em certo momento da vida caracterizado por transformações psicológicas, físicas e sócias, demonstra um tempo de alteração e desenvolvimento. Algumas dessas dificuldades e transformações têm relação com a sexualidade, especialmente quando a vivência esta desagregada de informações e leva para uma reflexão sobre os riscos e suas possibilidades, como o uso de drogas, que acaba deixando as populações ainda mais vulneráveis para adquirir uma IST/ HIV/ AIDS/ HV, onde faz necessária a realização de programas como este junto à população.

Figura 5: Alunos Participando do Elos; descrevendo sobre as IST



Fonte: arquivos CORDEL Vida 11/06/2008

Figura 6: Participando do Projeto Projetos Elos; descrevendo sobre as IST.



Fonte: arquivos CORDEL Vida 11/06/2008

O Projeto *Elos* – foi um projeto de iniciativa da Secretaria de Educação e Cultura – SEDEC, que teve como objetivo fortalecer as práticas e os valores éticos que resgatam a integração do ser e suas relações interpessoais e sociais. Esse trabalho abordou as temáticas droga e violência com o objetivo de desenvolver uma cultura de paz, em uma perspectiva da educação inclusiva e da redução de danos.

Figura 7: Filial do CORDEL Vida na Cidade de Solânea.



Fonte: arquivos CORDEL Vida: 20/02/2009

Devido à necessidade da população, que vive e convive com o HIV/AIDS o CORDEL Vida teve a iniciativa de abrir uma filial também na Cidade de Solânea, objetivando melhor atender a população que o procurava. Além disso, o CORDEL Vida começa a ter mais visibilidade em todo o brejo do estado da Paraíba.

Figura 8: O Projeto atitude Interior no Município de Bananeiras.



Fonte: arquivos CORDEL Vida: 2009

O Projeto Atitude interior, saúde e sexualidade, vêm utilizando uma metodologia participativa, inspirada das práticas da educação popular, onde são respeitados todos os saberes trazidos pelo público participante a cerca da temática abordada. E teve como objetivo o desenvolvimento de ações de prevenção às IST/HIV/AIDS/HV, para jovens e adolescentes, da rede pública de ensino dos municípios de Conde, Bananeiras, Guarabira, Mamanguape, Pedra de Fogo e Rio Tinto, e assim como a diminuição do preconceito e discriminação às pessoas acometidas por estas enfermidades, contribuindo ainda com a melhoria da qualidade de vida para estas populações.

Figura 9: Projeto Direito a Vida; A caminhada



Fonte: arquivos CORDEL Vida: 07/10/2009

O curso de Direitos Humanos tratou-se de proposta de assessoria jurídica popular a ser desenvolvida na cidade de João Pessoa e no interior do Estado da Paraíba. A proposta consistia na realização e desenvolvimento de atendimento jurídico (encaminhamento, orientação e acompanhamento processual) a pessoas vivendo com HIV/AIDS e Hepatites Virais na cidade de João Pessoa, abrangendo neste atendimento toda a zona metropolitana. Também previu a realização de formação nos moldes da educação jurídica popular voltada para pessoas vivendo e convivendo com HIV/AIDS e Hepatites Virais do Estado da Paraíba, com vistas a combater o preconceito e à discriminação e com o objetivo de instrumentalizar a reivindicação e o fortalecimento dos direitos humanos na região.

Figura 10: Escola e cidadania

Fonte: arquivos CORDEL Vida: 09/11/2010 e 03/03/2011

Figura 11: Apresentação das IST

Fonte: arquivos CORDEL Vida: 09/11/2010 e 03/03/2011

Estas fotos constituem o Projeto Escola e Cidadania, com uma cooperação mútua entre a Prefeitura Municipal de João Pessoa, por meio da SEDEC e o Cordel Vida, para desenvolvimento de atividades educativas, com a comunidade escolar inserida no ensino fundamental II e Educação para Jovens e Adultos (EJA), da rede pública de ensino do município de João Pessoa. Veio favorecer a universalização da discussão dos temas transversais, preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), assim como outros temas de interesse da comunidade escolar. Foi desenvolvida, na realização das atividades, a metodologia que contemplou com palestras em forma de roda de diálogo, onde

foi utilizados variados recursos pedagógicos de caráter educativos, como: exibição de vídeos, textos, música, poesia, etc. O que favoreceu a participação dos educandos, estimulando-os para o debate a cerca dos temas trabalhados.

Figura 12: Projeto Viva Melhor Sabendo



Fonte: arquivos CORDEL Vida 2015 a 2016

Figura 13: Momento do teste rápido por fluido oral



Fonte: arquivos CORDEL Vida 2015 a 2016

A imagem anterior é um momento do Projeto “Viva Melhor sabendo – Paraíba“, desenvolvido em parceria com o CORDEL Vida, o publico alvo era exatamente o usuário de álcool e outras Drogas, e que se encontrava em horários variados, muitos deles presentes nas ruas, em praças públicas, entorno dos mercados públicos e restaurantes, esquinas, marquise de

viadutos, etc. Sendo que alguns vivem em situação de rua, e outros aparecem no momento da socialização e uso do álcool e outras das drogas.

A partir do que foi compreendido na pesquisa vivenciada, podemos perceber que as dimensões da Ong CORDEL Vida perpassa por uma dimensão emancipatória onde busca que o sujeito conheça sua sexualidade através de uma dimensão sociocultural, enquanto forma de expressar socialmente, dimensão existencial trazendo a sexualidade como uma porta para comunicação interpessoal, onde, além de uma questão meramente biológica, possamos compreender a sexualidade principalmente nos seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos. Segundo Melo e Pocovi (2002, p. 39-40):

Uma abordagem emancipatória pressupõe desvendar esses modelos e projetar a ruptura de ordens estabelecidas, na busca de um novo modelo que aponte para uma nova sociedade que estabeleça a igualdade, atendendo a diversidades cultural, com uma nova compreensão da dimensão sexualidade como parte indissociável dos direitos humanos no processo de construção da cidadania.

Nessa perspectiva, percebemos que são várias as dimensões trabalhadas pela Ong CORDEL Vida, contribuindo assim para uma melhor vivência da sexualidade de pessoas que são estereotipadas, que limitam seus sonhos devido a uma sociedade machista que estabelece critérios de comportamento, idade, sexo, que para muitos é difícil de superá-los.

6.2 O trabalho da ONG CORDEL Vida na visão dos jovens e adolescentes da EJA.

6.2.1 A primeira rodada de questionários aplicados

O primeiro questionário aplicado com os sujeitos das turmas da Educação de Jovens e Adultos possuía perguntas que serviram para traçarmos um perfil inicial dos alunos(as), e saber seus conhecimentos prévios sobre a Sexualidade. Duas Turmas do 4º, duas turmas do 5º ano e uma do 6º ano participaram da pesquisa, totalizando cinquenta e um alunos(as). Nosso objetivo foi coletar as respostas, para que a partir daí pudéssemos modelar as oficinas de acordo com as necessidades e inquietações de cada um. Aplicamos os questionários em cada turma coletivamente, isso porque ele é um instrumento que permite obter informações de um grande número de alunos ao mesmo tempo. Os questionários foram respondidos pelos alunos no horário noturno, não foi necessário que se identificassem, garantindo, portanto, o sigilo de suas informações.

Segundo Dutra (2000, p. 7-19) “não se aprende primeiro, para depois investigar, ao contrário, aprende-se investigando”. Portanto, prosseguimos investigando questões atinentes a

sexualidade na escola campo de pesquisa. Nesta relação o conceito de investigar, se refere às pesquisas que nós realizamos em caráter educativo, coletando dados dos nossos alunos sobre o que pensam sobre a sexualidade.

As respostas dos alunos foram vistas em linhas gerais sobre a sexualidade, muitos deles afirmaram que sexualidade era sinônimo de relação sexual. Essa é uma relação muito comum que vemos ser feita a todo momento, porém, é um equívoco que deve ser esclarecido e discutido. É possível perceber em algumas respostas dos alunos essa relação, quando questionados se o tema já foi abordado na Escola:

*“Não, pois não temos professores formados em sexualidade, que falem de sexo.”
(Maria)²*

“Em palestras, durante o período das aulas, quando os professores estão discutindo sobre sexo.” (Alana)

O contexto dos alunos é bastante peculiar, pois são sujeitos com experiências diversas, , alguns conhecem as possibilidades das IST e possivelmente já contraíram algumas delas. O que esse público demonstrou foi a necessidade de saber como a sexualidade inclui o sexo e a afetividade, comunicação e respeito.

Segundo Nunes (2012) a sexualidade por muitas vezes se confundida com a dimensão biológica, não obstante, é um conceito que atinge uma amplitude cultural histórica da ação humana. Apesar dos conceitos pré-estabelecidos para alguns alunos(as), notamos a curiosidade de discutir alguns tabus, que eles mesmos sugeriram para ser abordados:

“Sobre os cuidados que devemos tomar em relação as doenças transmissíveis, como fazer uma transa com cuidado, ensinando a tomar anticoncepcional e como usar o preservativo adequadamente, em qual idade é certa para começar a ter relação sexuais. (Tatiana)²

“Gostaria de saber mais sobre as IST”. (Priscila)

As dúvidas trazidas pelos alunos são reflexos do seu próprio contexto escolar, que não proporciona uma reflexão sobre a sexualidade. A Escola ainda se mostra tradicional e conservadora, limitando uma discussão sobre a sexualidade de maneira equilibrada e tranquila, cultivando cada vez mais os tabus frente ao tema. Frente a isso, os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos que participaram da pesquisa sentem a necessidade do debate sobre sexualidade na Escola, sobre sua importância. Isso ficou evidente nas seguintes falas:

² Nomes Fictício dos (as) alunos (as).

“Sim, pois somos adolescentes e precisamos saber sobre sexualidade, que não a lugar melhor para aprender do que a escola e claro com um professor com capacidade de nos ensinar.” (Maria).

“Para as adolescentes ficasse mais experientes, no que estão falando, antes de fazer qualquer besteira que vinha na cabeça.” (Alana).

“Sim porque muitas adolescentes engravidam sem sabe e se a escola fala sobre sexualidade eles irão se cuida mais.” (Priscila).

Diante das curiosidades dos alunos, percebemos novos questionamentos referente à última pergunta do questionário, que solicita, caso tenha alguma dúvida, uma pergunta que referente a sexualidade, a partir do interesse subjetivos de cada um:

“Eu queria saber mais sobre: o diafragma. Os contraceptivos as doenças sexualmente transmissíveis, como podemos nos proteger.” (Maria²).

“Em como engravida uma mulher com roupa porque já mim falaram que uma menina engravidou sem tirar a roupa isso pode acontecer?” (Alana²).

Sabemos que a sexualidade é dotada de transversalidade inerente, dessa forma passa a participar de todos os processos de construção do conhecimento interagindo com o sujeito, trazendo-lhe o desejo de aprender. As dúvidas dos alunos (as) são muito comuns de ser ver, pois, como afirma LOURO (1997):

Fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula assumidamente ou não nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes (LOURO, 1997, p. 131).

Além da omissão da Escola, é possível perceber uma falta de desinformação a respeito da sexualidade que vem de casa, da família em tratar do assunto. Infelizmente muitos jovens, desvinculam a prática sexual ao amor, respeito, que estão diretamente ligados à sexualidade.

Através dessa primeira rodada de questionários podemos concluir que as respostas dos alunos foram de extrema importância para abrir nossas ideias na elaboração do que seriam trabalhadas, as dúvidas apresentadas pelos alunos, nos fizeram modificar e acrescentar questões pertinentes referentes à sexualidade. A partir desse levantamento procederam-se as realizações das intervenções pelo CORDEL Vida.

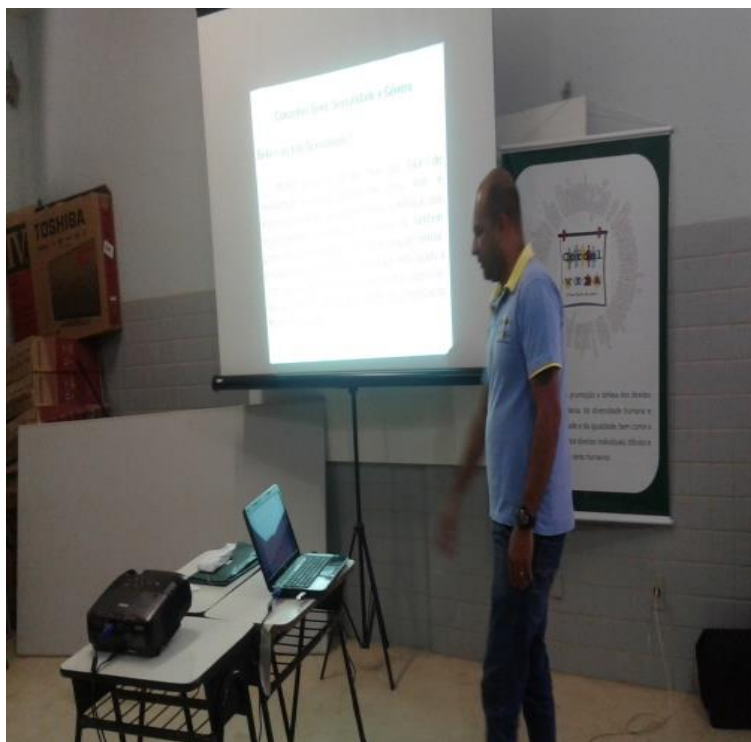
6.2.2 As oficinas pedagógicas

Diante do perfil que traçamos sobre os sujeitos da Escola Estadual Santa Emília, partir dos questionários aplicados, apresentamos aos alunos(as) as oficinas que a Ong Cordel Vida já vem trabalhando nas Escola por toda Paraíba, e em seus projetos. Tivemos uma receptividade muito boa com todas as turmas. Consta nas imagens a baixo nosso primeiro contato no dia de intervenção, onde apresentamos um pouco sobre a história da Ong e seus projetos:

Figura 14: Apresentação do CORDEL Vida



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

Figura 15: Apresentação das Oficinas

Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

A “dinâmica da teia” deu início as atividades, esperávamos maior interação possível dos alunos, portanto, por ser uma dinâmica onde todos se apresentam e fala um pouco sobre suas expectativas frente ao nosso trabalho, fez com que as oficinas começassem com um ambiente natural e harmonioso. Observamos que ao dar início ao tema inicial, “Conceito de Sexo, Sexualidade e Gênero”, muitos estavam dispersos e com vergonha, por se de um tema pouco discutido na Escola.

Para nossa surpresa, o que mais chamou atenção dos/as alunos/as foi à discussão de gênero. Parecia a todo o momento estarem se perguntando o porquê de estarmos tratando daquele assunto. E ao final, recebemos comentários como:

“Achei importante vocês trazerem o tema de gênero, as vezes esquecemos que outras pessoas tem orientação sexual diferente da nossa, é importante sabermos lidar com as orientações do outro, porque aqui onde a gente mora não tem essas coisas não”. (Pedro²).

Da mesma maneira que a apresentação sobre sexo, sexualidade e gênero, o tema IST, HIV e AIDS, foram muito proveitosos. Observamos que a todo momentos os alunos faziam perguntas entre si, alguns faziam para nós, outros escreviam num papel sem se identificar e nos entregavam. As imagens a baixo foram desse momento:

Figura 16: Apresentando algumas IST



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

Figura 17: Apresentação sobre HIV/aids



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

No segundo dia de encontro com as turmas, com as discussões sobre os métodos contraceptivos e violência contra mulher, observamos que houve uma maior participação dos alunos. Ao apresentarmos uma tabela com os métodos contraceptivos, muitos alunos ficaram curiosos, e pediram para saber como são utilizados. As imagens a seguir mostram o momento prático de como fazer uso de alguns contraceptivos:

Figura 18: Preservativo Feminino



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

Figura 19: Como utilizar o preservativo no sexo oral



Fonte: Arquivo pessoal do/a pesquisador/a

Nossa ultima oficina foi sobre o tema Violência contra mulher. Todos os/as alunos/as participaram em especial as mulheres, que contaram alguns casos de violência sofrida por conhecidas, e até por elas mesmas. No momento das rodas de conversas, quando perguntadas se já sofreram algum tipo de violência, responderam:

“Sim, meu marido já tentou me esfaquear, mas eu não tive medo, corri direto para a polícia e contei o que aconteceu, ele veio atrás de novo, mas eu me mudei e sumi com meus filhos” (Ana²)

“Sim, mas você sabe como é né? Acabei desculpando, estou com ele ainda, mas se ele tentar de novo eu mato ele”. (Paula²)

É possível constatar na primeira fala da Ana, que algumas mulheres se posicionam frente à violência física, psicológica, seja ela qual for. Infelizmente essas mulheres não são a maioria, muitas delas se calam diante da situação, acreditando que o agressor agiu por impulso e que isso não vai mais acontecer, como é o caso da Aluna I, que silenciou diante de uma situação que pode agravar-se a cada dia que passa. Chauí, citada por Peixoto e Lima (2007, p. 264) contribui com esta reflexão:

[...]. Assim a violência trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fosse coisas, isto, é irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. A ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre, responsável; tratá-lo não como humano e sim como coisa, perfazendo assim os vários sentidos da violência.

As imagens abaixo foram dos momentos de discussões sobre o tema “Violência contra mulher” :

Figura 20: Violência contra mulher



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

Figura 21: Violência Doméstica

Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

Assim sendo, as oficinas trabalhadas na Escola Estadual Santa Emilianos município de Ouro Velho-PB, foram de grande contribuição tanto para nós pesquisadores que adentramos no espaço daqueles jovens e adolescentes, quanto para eles que puderam absorver as informações que conseguimos levar em tão curto prazo. Decidimos trabalhar com as oficinas por ser uma maneira facilitadora de nos relacionarmos com os alunos, através das dinâmicas, rodas de conversas, e momentos de diálogos individuais. Ficou evidenciado nas participações que os jovens e adolescente ainda tem alguns tabus frente a questão sobre sexualidade, acreditamos que a maneira que foi trabalhada os temas, desconstruíram alguns conceitos equivocados que tinham sobre as questões abordadas. Com o objetivo de coletarmos dados referentes à nossa participação, se foi produtiva, o que conseguiram absorver com as apresentações, se foi de fácil compreensão e se atendemos suas expectativas, decidimos aplicar um segundo questionário, no qual subsidiou uma análise final mais construtiva frente o que foi trabalhado.

6.2.3 A segunda rodada de questionários aplicados

A aplicação do segundo questionário resultou em buscar compreender a concepção dos aluno(as) em relação ao trabalho feito e nossa análise frente a resposta da nossa questão norteadora: A Ong Cordel Vida tem contribuído para subsidiar as discursões e propostas de trabalho com a Educação Sexual para jovens e adolescentes na escola estadual Santa Emília do município de Ouro Velho-PB? Em relação se nosso trabalho atendeu as expectativas dos alunos:

Sim. Porque as oficinas elas ensinam bastante e as expectativas é para os jovens não se iludir antes de tomar qualquer decisão que vem a cabeça. (Gustavo²)

Sim. Porque eles fizeram coisas que eu não sabia, muitas informação que eu não sabia, fiquei muito contente por ter sabido mais. (Maria²)

Sim, foram muito bem repassadas, foram tirada todas as dúvidas. (Alana²)

Figueiró (2009) acredita que ao abordar o tema da sexualidade na Escola não se redimensiona as estratégias de ensino, mas envolve ensinar através da atitude do educador. Furlani (2009) diz que é necessário contribuir para que os sujeitos vivam suas sexualidades de forma emancipatória, garantindo direitos básicos como a saúde e conhecimento, estes sim, são elementos fundamentais na construção de pessoas responsáveis e ciente de seus direitos e deveres com o próximo e com a si mesmo.

Dessa maneira, tentamos trazer a informação da melhor maneira possível, em relação ao que foi desenvolvido durante as oficinas, na percepção dos alunos tivemos:

Foram muito fácil de compreender porque as oficinas explicaram como pega, e/ou não pega uma infecção sexualmente transmissíveis (IST). (Priscila).

Foram sim, a linguagem clara de fácil compreensão. (Alana).

Sim foi explicado que todos entenderam. (Gustavo).

Sobre os pontos positivos das oficinais, os participantes destacaram ainda:

“De saber de todas as coisas da sexualidade. Para que ninguém fique indeciso de saber a possibilidade de um caso”. (Pedro²).

“Conhecimento, responsabilidade e prevenção”. (Ana²).

“Porque eu aprendi mais, por que sabemos de coisas que não sabia e eu aprendi coisas importante para me prevenir” (Luana²).

O questionário final constou de 11 perguntas. Foi elaborado 61questionário, e aplicados 38, e voltaram 22. Ficou constatado a partir das respostas dos alunos, que muitas questões que antes das oficinas eram dúvidas, eles mesmos já conseguem responder. Dentre os pontos positivos apresentados pelos alunos sobre as oficinas, destaco: A necessidade de saber prevenir-se; Respeitar as maneiras que o outro se identifica; Não se calar frente à violência contra mulher e como expressar melhor sua sexualidade.

6.3 Os desafios do trabalho sobre educação sexual com jovens e adolescentes na visão da Ong CORDEL Vida

Sabemos que todas as instituições passam por serias dificuldades e grandes desafios, e que durante estes doze anos de existência, a ONG CORDEL Vida vem trabalhando e superando suas próprias expectativas. Em entrevista ao coordenador de alguns projetos da ONG, lhe perguntamos com relação a educação sexual, como o CORDEL Vida ver este trabalho se desenvolvendo para os jovens e adolescentes. O coordenador relatou:

Embora a educação esteja sendo pensada a partir de um projeto de cidadania que contemple o respeito de si e do outro, por vezes esse projeto acaba sendo apenas uma ideia bonita e pouco praticada na comunidade escolar (Coordenador Ong Cordel Vida).

Quando falamos em educação sexual no ambiente escolar, essa discussão parece ainda mais distante, pois apesar da imensa abertura por parte do alunado, ainda se encontra grande resistência por parte de muitos pais e mãe, professoras e professores. Como diz os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

Com diferentes enfoques e ênfase há registros de discursões e de trabalhos em escolas desde a década de 20. As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na ideia de que a sexualidade é assunto para ser lido apenas pela família. Todas essas questões são expressas pelos alunos na escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. (BRASIL, 1997, p. 291- 292).

E são esses importantes atores, que são essenciais na construção de uma sexualidade que possibilite uma vida saudável e satisfatória. Questionamos também sobre qual era a maior dificuldade encontrada com os diretores de escolas e professores. E ele nos respondeu:

O que se configuram como o maior desafio no trabalho sobre educação sexual é....visto que a maioria se sente muito despreparados para abordar o tema com a tranquilidade necessária, pois estão imersos de tabus, fundamentalismos religiosos e preconceitos, por serem frutos de uma educação repressora, que durante muito tempo associou a sexualidade ao pecado (Coordenador Ong Cordel Vida).

Daí quando falam sobre sexualidade, comumente fazem referencia a questões biológicas, transformando-a em corpo e sexo, não discutindo as questões psicossociais da sexualidade como: os afetos, os sentidos, os sentimentos, o desejo, as fantasias, as angústias, a

construção de uma identidade de gênero e o reconhecimento das diversas orientações sexuais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) nos dizem que:

O trabalho de Orientação Sexual compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Os arranjos familiares, assim como os valores a eles associados, variam enormemente na realidade brasileira. O núcleo familiar pode incluir pai e mãe e filhos com outros agregados ou não. Pode-se estabelecer entre mãe e filhos ou pais e filhos. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e cresças sobre sexualidade possa se expressar. O respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeito as diferenças expressas pelas famílias. (BRASIL, 1997, p. 303-305).

Nesse sentido, é imprescindível compreender a sexualidade além do corpo biológico, romper uma apropriação moralista do tema, transgredir uma abordagem normativa e instrutiva sobre a sexualidade, impedindo os jovens e adolescentes de fazerem uma leitura mais respeitosa acerca das diferenças e das inúmeras formas de vivência da sua sexualidade. Diante disto foi perguntado para o presidente do CORDEL Vida, quais são os maiores desafios enfrentados pela Ong CORDEL Vida, durante seus 12 (doze) anos de existência?

Acho que uma das maiores dificuldades que o CORDEL Vida já passou, foi no início, nos primeiros anos de sua existência, quando não tínhamos um local fixo, e logo depois que agente alugou um local tivemos que pedir e contar com a ajuda de amigos pedindo uma contribuição para pagar as despesas necessárias. E hoje o nosso desafio é de encontrar educadores que possam se dar um pouco de si. (Presidente da Ong CORDEL Vida).

Ainda levantamos a seguinte questão, de que forma que o CORDEL Vida consegue superar os seus desafios?

Diante de todos os desafios que já enfrentamos o maior é mesmo a falta de educador, mais a gente vai conseguindo superar, tentando adaptar e flexibilizar os horários de cada um com suas agendas para que fique bom pra todos/as. Agora com relação a educação sexual, é muito tranquilo pra nós que já trabalhamos com isso, mais para as escolas algumas aceita e nos diz que esta mesmo precisando, já outras ficam colocando empecilho pra que agente não possa desenvolver o nosso trabalho, mais quando agente tem um apoio das secretarias seja ela Municipal, Estadual ou Federal tudo se torna bem mais fácil, por que mesmo que os diretores digam não, quando agente diz que esta com parceria com uma dessas entidades, somos liberados e bem recebidos para desenvolver as atividades. (Presidente da Ong CORDEL Vida).

A partir da entrevista feita com o Presidente da Ong, percebemos que apesar das dificuldades percebemos que o CORDEL Vida é uma instituição muito atuante, apesar de suas dificuldades internas e algumas externas, é também muito solicitada em todo o Estado, as pessoas que hoje fazem parte dessa Organização não Governamental são muito empenhados/as com o tipo de trabalho que a instituição vem desenvolvendo, e que estão

sempre dispostos para ajudar não importa a classe social, cor, ou gênero, e que cada problema superado é uma vitória para cada um que faz parte da Ong CORDEL Vida, e assim a onde quer que esta instituição passe ela deixa a sua marca.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o trabalho com educação sexual para jovens e adolescentes, desenvolvido pela Ong CORDEL Vida, buscamos analisar como essa atuação vem contribuindo para que estes possam vivenciar a sua sexualidade sem medo, como responsabilidade e dignidade.

São várias as ações que o CORDEL Vida vem desenvolvendo em todo Estado da Paraíba, principalmente na área de educação, e não sendo diferente no município de Ouro Velho- PB. Portanto, para podermos dar início a nossa pesquisa fizemos um levantamento sobre algumas Monografias no LAEST do Centro de Educação – CE com essa temática. Resolvemos escolher a cidade de Ouro Velho- PB, por ser uma cidade da qual tem uma população estimada em 3.000 (três mil) habitantes, boa parte dos estudantes se encontram na zona Rural do município, por ter um considerável número de IST muito alto, também por existir uma resistência dos professores em trabalhar a temática.

Para isto, quando pensamos no trabalho, sobre Educação Sexual na escola, do município, objetivando contribuir com o conhecimento e reconhecimento daquela instituição para com os seus alunos. Fazendo com que eles vivenciem sua sexualidade com responsabilidade e respeito, visando sempre o bem estar físico e psicológico destes jovens e adolescentes.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho foi resolvido através de uma pesquisa de campo, onde coletamos dados, para investigar quais assuntos eram mais relevantes para os jovens e adolescentes daquele município, onde o CORDEL Vida já atuava. O trabalho tem um saldo extremamente positivo, por ser um assunto onde prende toda atenção dos participantes, e acabam se envolvendo na temática durante a execução das oficinas, levando a participação de todos.

Assim, tivemos como objetivo geral compreender como a experiência do “CORDEL Vida” tem contribuído para subsidiar as discussões e propostas de trabalho com a Educação Sexual para jovens e adolescentes na Escola Pública do município de Ouro Velho-PB. E com os objetivos específicos: analisar quais as dimensões da sexualidade humana são desenvolvidas no trabalho de Educação Sexual pelo CORDEL Vida com os jovens e adolescentes da Escola estadual Santa Emília; analisar como os jovens e adolescentes da Escola Pública percebem o trabalho desenvolvido sobre a Educação Sexual pelo CORDEL Vida; identificar quais os desafios que a ONG CORDEL Vida enfrenta no trabalho sobre a Educação Sexual com jovens e adolescentes.

Tivemos que buscar informações em algumas bibliografias, após estudar estes autores tais como: Nunes (2005), Fularni (2008), Furtado (2015), Altmann (2007), Freud (1996), dentre outros, que muitos nos ajudaram a compreender e entender, sobre práticas da Educação Sexual.

Fomos bem recebidos durante nossa passagem pela escola, ao qual os alunos já estavam ansiosos. Após a realização do nosso trabalho, nos relataram que foram muito proveitosas as discussões, deixando-nos assim muito satisfeitos por realizarmos o nosso trabalho que a cada dia se torna mais gratificante.

Assim ao perceber a fala daqueles jovens, adolescentes e adultos, percebemos a necessidade de uma Educação Sexual de qualidade na Escola. Não deixando seus alunos aprender com o dia-dia da vida, mas sim, serem sujeitos orientados. Esperamos que a escola passe a contribuir com esses jovens e adolescentes a respeito da sexualidade, abrindo novas possibilidades deles vivenciarem uma sexualidade com responsabilidade.

Diante disso, não foi diferente momentos antes de nossa intervenção, na fala dos alunos onde fica claro a falta de uma Educação Sexual desses jovens e adolescentes, revelando que jamais conversariam a respeito da temática com os pais, buscando assim orientação em filmes revistas, internet, colegas amigos e entre outros, onde os pais e a escola deveriam fazer este papel, e assim eles poderiam desvendar os tabus da sexualidade.

Para tanto, ao analisar a fala dos alunos, antes da nossa intervenção, percebemos a falta de uma Educação Sexual que fale sobre as IST, Gravidez na adolescência, violência doméstica, que para eles (as), são desprovidos dessas informações, e quando as tem, são completamente infundadas, e acabam influenciados (as) por uma sexualidade cheia de mitos e crenças.

Por tanto o nosso incentivo para com a escola é para que aja melhoria na educação também dos professores, no intuito de que não venham a “reprimir” quais quer ato vivenciado por esses alunos sobre sua sexualidade.

Durante a pesquisa, tivemos alguns enalces, tanto de pesquisa quanto de preparar e realizar as intervenções: O primeiro foi a distância, que fica acerca de 320 km da capital João Pessoa, depois foi o tabu frente às questões trabalhadas. Momentos antes os alunos a todo o momento relacionavam a sexualidade ao ato sexual,.

A atuação do pedagogo em ambientes não-escolares torna-se cada vez mais visível com a dinâmica das relações econômicas e sociais. Isso ocorre porque a educação apresenta mudanças, a partir das exigências oriundas da família, sindicatos, indústrias, hospitais, presídios, entre outras instituições sociais, que a requisitam fora do ambiente da sala de aula.

Por fim sabemos que este trabalho ainda não está pronto e nem acabado, está apenas representando um pouco das nossas alterações, com relação ao tema que é de tão grande importância para nossos jovens e adolescentes, que vivem em uma sociedade machista. Sendo assim sugerimos uma formação para os professores sobre Educação Sexual, da Escola Pública daquele município para melhor trabalhar as questões relacionadas à sexualidade com seus alunos.

Portanto, acreditamos que o Cordel Vida, contribuiu com os alunos, que assistiram atentamente as nossas oficinas, e que ficaram satisfeitos com todo nosso desempenho e esforço, levando um pouco mais de conhecimento para uma população que é tão carente de educação, principalmente quando se fala em Educação Sexual. Hoje, o pedagogo atua em ambientes profissionais diversos à escola, como Organizações Não-Governamentais (ONGs), sendo esta área a que enfocamos em nossa pesquisa, considerando que segundo Libâneo (2009, p. 38,39):

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender a demandas sócio-educativas de tipo formal, e não-formal e informal, decorrentes de novas realidades – novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças nos ritmos de vida, presença dos meios de comunicação, mudanças profissionais, desenvolvimento sustentado, preservação ambiental – não apenas na gestão, supervisão e coordenação pedagógica de escolas, como também na pesquisa, na administração dos sistemas de ensino, no planejamento educacional, na definição de políticas educacionais, nos movimentos sociais, nas empresas, nas várias instâncias de educação de adultos, nos serviços de psicopedagogia e orientação educacional, nos programas sociais, nos serviços da terceira idade, nos serviços de lazer e animação cultural, na televisão, no rádio, na produção de vídeos, filmes, brinquedos, nas editoras, na requalificação profissional etc. (LIBÂNEO, 2009, p.38-39).

Sendo assim, a dimensão dessas dificuldades ultrapassa o fazer profissional da pedagoga, uma vez que a intervenção da mesma depende da satisfação dos interesses dos participantes com os quais as atividades são desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Layse de França. **Sexualidade e Educação: mapeando os parâmetros curriculares Nacionais do ensino fundamental I/**. LIMA, Priscila Cavalcante Cotinho. MONTENEGRO, Stéfany Sabrina Batista. João Pessoa: UFPB, 2016.
- BEZERRA, Vanêssa Lira Moraes dos Santos . **Pedagogia da Sexualidade: O papel do Professor** –João Pessoa: UFPB, 2011.
- BIZERRA, Cinthia Raquel da Silva. **A educação sexual na pratica docente, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais** – João Pessoa: UFPB, 2015.
- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahiados Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- CARVALHO, Marcela de Souza . **Orientação Sexual na Escola: silêncio e desejos/** Marcela de Souza Carvalho, Raíssa Márcia Soares de Moraes – João Pessoa: UFPB, 2010.
- CONDE, Michelle Franco. **O Movimento Homossexual Brasileiro: sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.
- CORDEL VIDA, Estatuto 2005/2015.
- CRUZ, Maria Aparecida Souza. **Sexualidade e educação** – João Pessoa : UFPB, 2015.
- DUTRA, Luiz Henrique de A. **Conhecimento, educação e atividade profissional**. In:_____. Epistemologia da aprendizagem. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 7-19.
- FERNANDO, Pessoa. **Obra Poética : Volume único**. 2007.
- FIORENTINI, D; LORENZATO. S. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: Como ensinar no espaço da Escola**. In: Educação Sexual: Múltiplos Temas, Compromissos Comuns.
- FURLANI, Jimena. **Abordagens contemporâneas para Educação Sexual**. In: FURLANI, Jimena. Educação Sexual na Escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Florianópolis: UDESC (Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina), 2008.
- FURLANI, Jimena. **Direitos humanos, direitos sexuais e pedagogia queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual?** In: JUNQUEIRA, R. *Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009. p. 293-323.

GIL, António Carlos (2008) **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil

IERVOLINO, S.A.; PELICIONI, M. C. F. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Revista Escola de Enfermagem. USP, v.35, n.2, p.115-21, jun. 200. Mary Neide Damico Figueiró (org.). Londrina: Eduel, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 15

MAIA, Noeli Corrêa. **Pedagogia da sexualidade: a televisão e a erotização precoce** – João Pessoa: UFPB, 2010.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Orientação sexual na escola**. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). Sexualidade e educação: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 153-17.

MELO, Sônia Martins; POCÓVI, Rosi Maria de Souza. **Caderno Pedagógico: Educação e Sexualidade**. Florianópolis: UDESC, 2002.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 5.ed. Campinas: Papirus, 1987.

PEIXOTO, Herlan Wagner; LIMA, Rita de Cássia Duarte. **O Impacto da Violência no Trabalho em Saúde**. In: ZANOTELLI, Cláudio Luiz; RAIZER, Eugênia Célia; VALADÃO, Van de Aguiar (Orgs.). Violência e Contemporaneidade: dimensões das pesquisas e impactos sociais. Vitória. Editora Grafita Gráfica e Editora, NEVI, 2007. p. 251-266.

PONTES, Aylla Thereza de Lima Pontes. **Atuação e Dificuldades dos Professores Quanto à Orientação Sexual** / Aylla Thereza de Lima Pontes, Elizane Patrícia Barbosa de Souza. Lenize Barros da Cunha Santos - João Pessoa: UFPB, 2010.

SANTOS, Adriana Karla Cavalcanti dos. **Orientação Sexual na Escola: Uma proposta da prática Pedagógica** / Adriana Karla Cavalcanti dos Santos. Thais Regina de Medeiros Silv. - João Pessoa: UFPB, 2010.

SILVA, Dayane Angélica Gomes. **Pedagogia para orientação sexual no curso de pedagogia da UFPB- Campos I** - João Pessoa: UFPB, 2012.

TANNAHILL, Reay. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. SP: Atlas, 1990.

WHYTE W F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PRÉ-PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário de Pesquisa

Educação Sexual

Turma: _____

Idade: _____

1º- Quando falamos sobre educação sexual o que lhe vem a mente, em torno de conhecimentos sobre sexualidade?

() relação sexual () como fazer sexo () outros _____

2º - Por quem você já ouviu falar sobre assuntos de sexualidade?

() pelos seus colegas e amigos () professores () Pais () internet () revistas

() filmes () nunca ouviu fala () outros.

3º- A sua escola já abordou sobre assuntos que envolvessem sexualidade? Como?

4º - Quais os assuntos que você gostaria que fosse discutido ou abordado em uma oficina sobre educação sexual?

5º - Você acha importante a escola trabalhar com temas que envolvem a sexualidade?

Por quê?

6º Faça uma pergunta sobre o assunto que envolve a sexualidade, e que você tem dúvidas.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO FINAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DE PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

Contamos com sua gentileza, em responder as questões abaixo, ressaltando que a pessoa informante não será identificada.

1º) Sexo: () Feminino () Masculino

2º) Idade:

3º) Turma:

4º) As Oficinas atenderam suas expectativas ? Por quê ?

5º) O que mais lhe chamou atenção? Por quê?

6º) Para você, as oficinas foram de fácil compreensão? Por quê?

7º) Após as discussões sobre sexo e sexualidade, você saberia diferenciá-los?

8º) A partir do que discutido nas oficinas, como você define “gênero” ?

9º) Quais as IST's que mais lhe chamaram atenção? Por quê?

10º) Cite alguns métodos contraceptivos utilizados como prevenção.

APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O seguinte roteiro de entrevista foi realizado com o Coordenador e Presidente da Ong CORDEL Vida na própria sede da Ong, tendo suas falas gravadas e transcritas. Assim como foi realizada a entrevista semiestruturada com ambos, não poderemos deixar de ouvir e perceber as dificuldades enfrentadas pela Ong em sua atuação no âmbito Escolar.

Questões

Quais as maiores dificuldades enfrentadas pela Ong CORDEL Vida?

Com relação a educação sexual, como o CORDEL Vida ver este trabalho se desenvolvendo para os jovens e adolescentes?

Qual é a maior dificuldade encontrada com os diretores de escolas e professores?

Quais as dimensões da sexualidade que a Ong CORDEL Vida trabalha?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Para conseguirmos informações sobre as reações e manifestações dos alunos durante as oficinas. Seguiremos esse roteiro e observação participante que será realizado mediante atividades realizadas com os sujeitos, a qual será observada também as intervenções dos alunos durante as discursões dos temas abordados.

Observação

- Alunos: quem são, como se apresentam, frequentam regularmente, relacionamento pessoal com outros alunos, sentem-se interessados pelos temas, dúvidas e perspectiva sobre Educação Sexual;
- Manifestações, reações durante as oficinas e participação.

BREVE CURRÍCULO DOS AUTORES (AS)

Ingryd Natália Cabral

Concluiu o Ensino Médio em 2009 pela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira no Município de Alagoa Grande- PB; Foi Bolsista no Projeto de Monitoria da disciplina História da Educação I, no ano 2013 e 2014, História da Educação II 2014 pela UFPB no município de João Pessoa. Atualmente presta assistência técnica de informática, e acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba/UPFB.

Artigo aprovado

- ✓ XIII Congresso de História da Educação do Ceará com o trabalho “Perspectivas e desafios no ensino de história da educação no curso de pedagogia da Ufpb”.

Participação em eventos

- ✓ Participou da Comissão Organizadora, no apoio do VI Colóquio Internacional de Políticas Curriculares 2013 na UFPB;
- ✓ Participou do Seminário Gênero, Corpo e Sexualidade – Aprendizagem ao Longo da vida. UFPB 2015.
- ✓ Participou do Seminário “Gênero e Diversidade na Escola: a importância da formação docente” 2016, UFPB.

Silvio Joel de Sousa

Concluiu o Ensino Médio em 1995 pela Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, no Município de Ouro Velho- PB; Foi Coordenador do projeto Jovem Multiplicador 2012 na Ong CORDEL Vida; projetos Recriando Vidas 2013 e 2014, Projeto Viva Melhor Sabendo 2015, e acadêmico do curso de Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

Participação em eventos

- ✓ Participou da Comissão Organizadora, no apoio do VI Colóquio Internacional de Políticas Curriculares 2013 na UFPB;
- ✓ Participou da sessão única do Programa de Antropologia Literária e Habilidades Sociais Educativas pela UFPB em 2014.
- ✓ Participou da Comissão Organizadora, no apoio do VII Colóquio Internacional de Políticas Curriculares, 2015 ;
- ✓ Participou da Palestra A Identidade do/a Pedagogo/a e o Plano Nacional de Educação realizada na UFPB, 2015.
- ✓ Participou do Seminário Gênero, Corpo e Sexualidade – Aprendizagem ao Longo da vida. UFPB 2015.
- ✓ Participou do Seminário “Gênero e Diversidade na Escola: a importância da formação docente” 2016, UFPB.

Como Ministrante de oficina

Para Funcionários da Gráfica Santa Marta e Diretores com o tema: Educação Sexual: Conhecendo um pouco mais as IST.